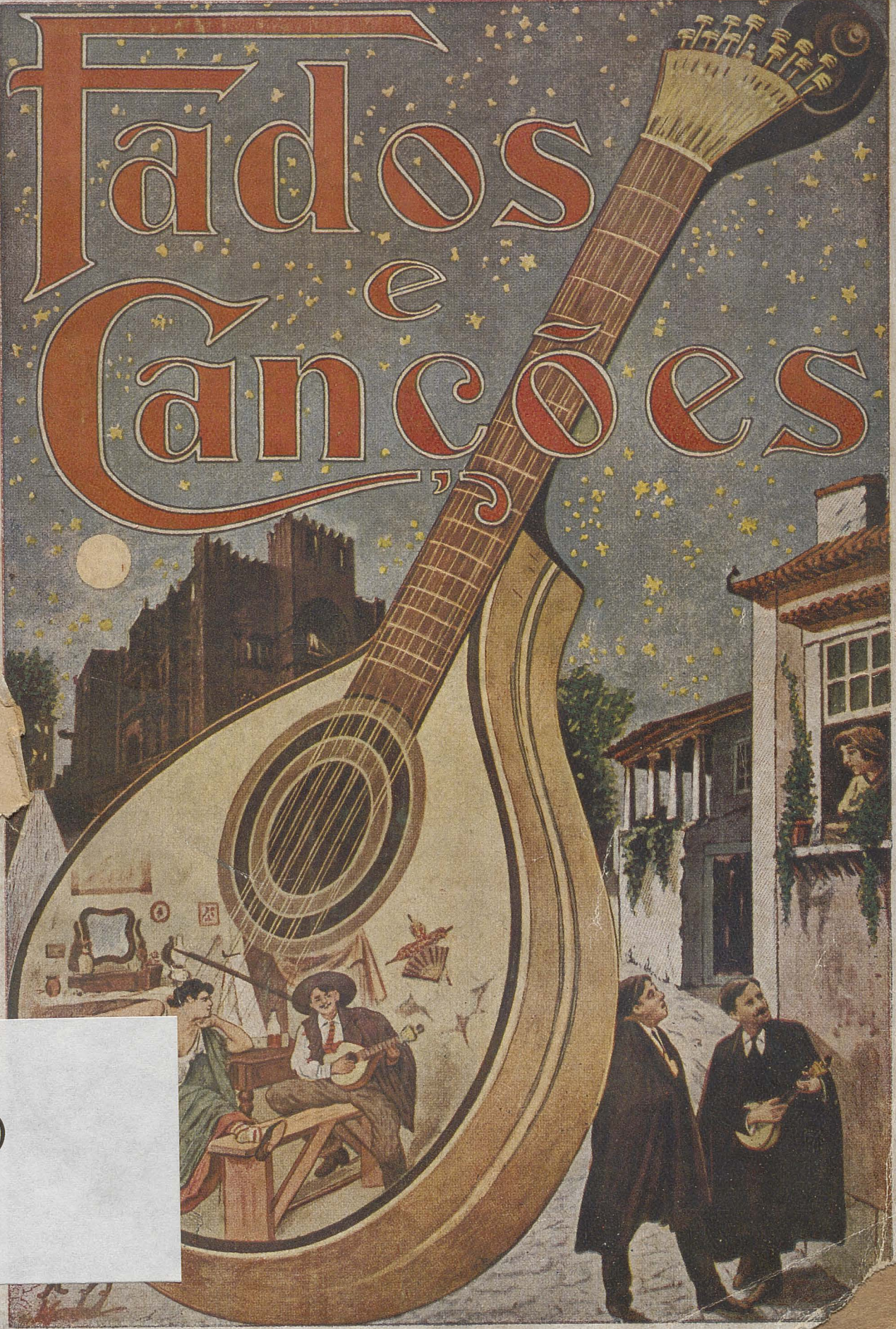


Fados e Canções



69)



FADOS E CANÇÕES



BIBLIOTECA UNIVERSITARIA
LAS PALMAS DE GRAN CANARIA
N.º de expediente **495105**
N.º Copia **854879**

Registados em conformidade com a lei, todos os direitos de reprodução.



OFICINAS GRAFICAS—Rua do Poço dos Negros, 81—Lisboa.

© Del documento, los autores. Digitalización realizada por ULPGC. Biblioteca Universitaria, 2024

FADOS

E

CANÇÕES

Compilação de Velloso da Costa

Com o valioso concurso dos
Ex.^{mos} escriptores Avelino de
Sousa, Bento Faria, Bulhão
Pato, Eduardo Schwalbach,
Guerra Junqueiro, J. Rama-
jal, João Bastos, João Xa-
vier de Mattos, Lino Ferreira,
Manuel Gonçalves, etc.

Insera igualmente os fados, O 31, Desanimo e A Esturdia,
cantados pela saudosa artista MARIA VICTORIA



Empreza Litteraria Universal

119, Calçada do Combro, 121

LISBOA

FADOS

Da celebre e applaudida revista

Castellos no Ar

I Fado da Dôr

MOLEIRA

Moinho do soffrimento,
as velas em movimento
soltam gemidos e ais ;
é a dôr, é a desgraça,
é a miseria que passa,
são as creanças sem paes.

E' a viuva sósinha,
esmolando muito além ;
é uma mulher perdida
despresada toda a vida
sem carinho de ninguem.

CÔRO

E' a viuva sósinha,
etc.

II Fado do Amor

MOLEIRA

O amor é branco moinho
as almas a moinhar ;
é o vento do carinho
que faz as velas andar.
Se elle sopra em remoinho
e vem das bandas do mar
pobre do Amor, coitadinho,
que vae todo pelo ar !

Vê bem, moleirinha,
com muito desvello,
separa a farinha
de todo o farelo.

CÔRO

Vê bem, moleirinha,

III Fado da Alegria

MOLEIRA

Leve o diabo a tristeza
que esta vida são dois dias ;
quem viu bem a natureza
encontra só alegrias :
ri o melro nas balseiras,
o loiro milho nas eiras.
a 'spuma nas penedias.

CÔRO

Ri o melro nas balseiras,
etc.

EDUARDO SCHWALBACH.

O Fado

MOTTE

Um portuguez para amar,
guitarra para o dizer
e o Fado para sonhar
quando canta uma mulher.

GLOSAS

I

Nem n'uma canção franceza,
nem na voz da Andalusia,
nunca vibrou a poesia
da guitarra portugueza.
Quem a inventou, com certeza,
teve o dom de adivinhar :
uma garganta sem par,
que n'esta terra deu brado :
— Uma Severa p'ró Fado,
um portuguez para amar.

II

Guitarra que foste um dia
do conde de Vimioso,
—o fidalgo mais donoso
que em toda esta terra havia.—
Dá-me aquella melodia
de que elle tinha o poder,
encanto de enlouquecer,
segredo que elle guardava,
quando as cordas te vibrava
guitarra para o dizer.

III

O dia tem o seu lume,
as estrellas teem fulgores,
o campo as flores e as flores
essas teem o seu perfume.
Mas o que diz o queixume
d'uma guitarra ao luar,
é mais profundo que o mar
pois Deus, na sua bondade,
para a dôr fez a saudade
e o Fado para sonhar.

IV

Quando a guitarra murmura
tangida por dedos ageis
suas notas tornam frageis,
corações de pedra dura.
Vem ás ondas a ternura
os olhos humedecer...
deixae o pranto correr,
ó almas encarceradas,
que sereis interpretadas
quando canta uma mulher.

BULHÃO PATO.

Quando nasceste...

MOTTE

No dia que tu nasceste
 S. Pedro os anjos contou ;
 mas nunca soube o destino
 d'um anjo que lhe faltou.

GLOSAS

I

Nasceste na Primavera,
 cheia de graça e tão pura
 que até a propria Natura
 de crear-te, envaidecera,
 P'ra benzer-te amanhecera
 com seu manto azul-celeste.
 Toda a terra se reveste
 da mais viva e linda flóra.
 'Té rompeu mais cedo a aurora
no dia em que tu nasceste.

II

No ditoso Paraiso
 entre os anjos, que alegria!
 ao saudarem n'esse dia
 o teu primeiro sorriso!
 De S. Pedro, o bom juizo,
 suave idéa creou :
 n'um côro de anjos pensou
 exaltar-te com decôro ;
 e, p'ra formar esse côro,
S. Pedro os anjos contou.

III

A contá-los horas passa
 n'um anceio enorme, infindo ;
 mas faltou-lhe um anjo lindo
 como tu, cheio de graça.
 Receiou que por desgraça
 lh'o roubára um ser malino.
 Contou de novo e seu tino,
 porem logo desistiu...
 Soube que um anjo fugiu,
mas nunca soube o destino.

IV

S. Pedro, que os adorava,
 a partir d'esse momento
 turvou-se-lhe o pensamento
 e horas inteiras scismava...
 Por todo o ceu procurava
 o anjo que lhe voou...
 Muitas vezes delirou!
 E, apezar de ser divino,
 nunca elle soube o destino
d'um anjo que lhe faltou.

BENTO FARIA.

Campos...

MOTTE

Campos bemaventurados,
 tornaes-vos agora tristes,
 que os dias, em que me vistes
 alegre, já são passados.

GLOSAS

I

Viçoso e florido monte,
 longas, e verdes campinas,
 que cobertas de boninas
 alegras este Horisonte.
 Justo é que agora vos conte
 meus tormentos dilatados,
 já que dos gostos passados,
 que Amor conceder-me quiz,
 foste theatro feliz,
campos bemaventurados.

II

No meio d'esta espessura,
 quando eu ditoso vivi,
 bem sabeis que mereci
 todo o amor, toda a ternura.
 Mas se da minha ventura
 então inveja sentistes,
 já que alegres me assististes,
 quando eu vivia contente,
 agora, que choro ausente,
tornaes-vos agora tristes.

III

Entre estas mimosas flores,
 emquanto a ventura o quiz,
 cantei mil vezes feliz
 a dita de meus amores.
 De tanta gloria, os louvores,
 vós mesmos me repetistes ;
 emfim, julgae do que ouvistes,
 nos enleios amorosos,
 se houve dias mais gostosos,
que os dias em que me vistes?

IV

Mas todo o contentamento,
 e toda a felicidade
 se me tornou em saudade,
 em dôr, em magua, em tormento ;
 pois quando de vós me ausento,
 oh ! campos tão desejados !
 só afflições, só cuidados,
 levo em minha companhia,
 que os tempos, em que eu vivia
alegre, já são passados.

João Xavier de Mattos.

A's flôres

MOTTE

Eu fui aos jardins de Flora
um ramilhete apanhar,
para o dar á minha amada,
que disse de flores gostar.

GLOSAS

I

Em linda tarde de abril,
eu caminhei todo lépido,
e como fui sempre intrépido,
procurei de p'rigos mil.
Sob um bello céu d'anil,
fui andando campo fóra,
como o que a natura adora
e vê de Deus os primores ;
p'ra ter perfeitos amôres
eu fui aos jardins de Flora.

II

Achei tanta variedade
que foi difficil a escolha,
mas, por fim, deu-me na *bolha*
de colher meiga saudade.
Não fui feliz, na verdade,
em essa flôr arrancar,
é ella que faz andar
meu coração tormentado ;
ao jardim fui, apressado,
um ramilhete apanhar.

III

Vi n'um canteiro de rosas
uma rubra como o lume,
de tão suave perfume,
qu'invejava as mais formosas.
P'las violetas viçosas,
tinha a alma captivada
e p'la bonina, adorada,
dava um mundo de desejos ;
fiz um *bouquet* com mil beijos,
para o dar á minha amada.

IV

Apanhei linda phalena
que, só, n'uma flôr libava ;
como o ramo prompto estava
juntei-lhe, tambem, verbena.
Voltei rapido, sem pena,
de tal roubo praticar,
tinha pressa de entregar
recordação tão gentil,
á minha amante gracil,
que disse de flôres gostar.

Verdades cruas

MOTTE

Escuta a voz do canhão,
soldado! obedece bem;
vae matar a populaça,
vae matar a tua mãe!

GLOSAS

I

Se da sorte o amargo fel
fizer de ti militar,
o teu destino é matar,
feroz, terrível cruel...
A' entrada do quartel
fazem-te esta alocução:
—O' filho da multidão
esfaimada, rôta e nua,
renega a familia tua
escuta a voz do canhão.

II

Se te imp'lirem para a guerra,
os potenciados em guarda,
aponta tua espingarda,
mata teus irmãos na terra!
Matando o sentir encerra,
não queiras ver mais além...
se te ordenarem, tambem,
o incendio, a vilania,
ás ordens da tyrannia,
soldado! obedece bem!

III

E se a plebe escravizada
um dia perder a calma,
não ouças a voz da alma,
acutila-a com a espada.
Mas se a turba revoltada,
n'uma medonha arruaça,
te fizer frente na Praça
em defesa d'um litigio,
defende o barrete phrygio,
vae matar a populaça!

IV

Has-de, pois, obedecer
e cumprir o que te dita
a lei cruel e maldita,
para um bom soldado ser!
Suffocando o teu soffrer,
mata, não poupes alguém!
se em tua frente vir's bem
a quem deves a existencia,
põe de parte a consciencia
vae matar a tua mãe!...

Fernando Telles.

Luz e trevas

MOTTE

Qual roda d'oiro d'um carro
 é a luz do Sol bemdita.
 Satanaz lançou um escarro,
 appar'ceu logo o jesuita.

GLOSAS

I

Na etherea mansão do ceu,
 Venus e mais as Deidades
 e mil outras entidades,
 (tendo excluido Morpheu)
 reuniram, creio eu,
 dentro de bonito tarro,
 d'um mesclado mui bizarro,
 p'ra formarem n'um instante,
 um astro mui rutilante,
qual roda d'oiro d'um carro.

II

Das essencias mais divinas
 tiram odores estonteantes,
 tiraram aos diamantes
 e ás outras pedras finas,
 suas chispas purpurinas.
 E onde o corál habita
 da Aurora a côr bonita,
 a lusente madrugada;
 feita d'esta misturada
é a luz do Sol bemdita.

III

Ficou suspensa no ar,
 a luz mais pura, mais bella,
 p'ra que, olhando p'ra ella
 todos podessem amar
 e soubessem meditar,
 na fragilidade do barro.
 A' ideia eu me agarro,
 que n'essa sublime obra,
 rastejando como a cobra,
o diabo lançou um escarro.

IV

Da diabolica acção,
 d'essa bilis pestilenta,
 saiu coisa mais nojenta
 que se viu até então.
 A humana geração,
 protesta n'uma alta grita,
 contorcendo-se afflicta,
 pois que n'um dado momento,
 d'um pedaço de escremento,
appar'ceu logo o jesuita.

JOSÉ MARTINS RAMAJAL.

A Vida

MOTTE

A vida é nuvem corrente,
fumo no ar divagando,
sonho que nasce tremente,
luz que se vae apagando.

GLOSAS

I

A vida corre ligeira,
é sopro no ar nascido,
é som no espaço perdido,
canção d'ave feiticeira ;
a vida é festa de feira,
dôr que nos mõe lentamente,
alma que o corpo consente,
dom que a razão não conhece,
canto que surge e emudece,
a vida é nuvem corrente.

II

A vida não se comprehende,
não mostra o valor que tem,
caminha entre o mal e o bem,
até que finda e se vende :
não diz ao ser o que entende,
a vida nos vae minando ;
tremulante caminhando
na terra que a amamentou ;
a vida nasce e expirou,
fumo no ar divagando.

III

A vida é alegre e triste,
tempo que muda, inconstante,
écho d'um ser mais distante,
graça que pouco resiste.
A vida é alma que existe
no mundo que o mal não sente,
fóco de brilho apparente,
quadro vario em sentimento,
haste movida p'lo vento,
sonho que nasce tremente.

IV

A vida tem varias côres,
é como o mundo terrestre,
morte que alegre se veste,
dom que acompanha os cantores ;
mãe que á luz dá gozo e dôres,
visão d'um ser miserando,
barco que vae navegando
por entre as brumas do Além,
força que átomos mantem,
luz que se vae apagando.

ANGELO DA SILVA.

Teu nome...

(Modinha cearense)

Teu nome é a canção mais bella
do archanjo das minhas dôres,
cantando sobre uma estrella,
brilhando no azul das flôres...

Teu nome é a doce Trindade
da minha santa amargura!...
Teu nome chora saudade
dos mortos na sepultura!...

Teu nome aos lyrios dispersos
á noite vae soluçar,
o sentimento dos versos
de Deus, cantando ao luar!

Teu nome do peito expiro,
se a lyra dos céos eu tanjo!
Adeja qual um suspiro
e chora mais do que um anjo!

Teu nome vibra na mente
em doce melancholia!...
Recorda a lagrima argente
no divo olhar de Maria!...

Um lirio sem côr, exangue,
mas todo cheio de luz,
do sacratissimo sangue,
de Deus, morrendo na cruz!...

CATÚLLO CEARENSE.

Não sei senão amar-te

MOTTE

A' força de tanto qu'rer-te
 é forçoso despresar-te ;
 ensina-me a aborrecer-te
 pois não sei senão amar-te.

GLOSAS

I

Eu já quiz ver se podia
 mudar em odio este amor
 sentir por ti grande horror,
 não demonstrar sympathia.
 Mas não se passa um só dia
 que eu não receie perder-te,
 e se então não posso ver-te
 todo o meu peito se opprime
 sou capaz até d'um crime
á força de tanto qu'rer-te !

II

Sei que me aborreces tanto
 que o meu mal é o teu sustento,
 sei que o teu divertimento
 é vêr correr o meu pranto.
 Eu me confundo e me espanto
 de 'inda não poder deixar-te,
 porque o meu amor, em parte,
 o teu rigor adoçando,
 te queira mais, 'inda quando,
é forçoso despresar-te !

III

Desprezar-te razão era,
 mas amor não tem razão ;
 não tem mais brio e paixão
 que domina o homem-féra !
 Não posso, mas se pudéra
 deixaria de querer-te,
 mas se acaso hei-de offender-te
 pôdes, tyranno, occultar-te ;
 tu, que p'ra tudo tens arte,
ensina-me a aborrecer-te !

IV

Mas nem teu genio inimigo
 teria tanto poder,
 sim, que eu não posso aprender
 a ser ingrato comtigo.
 Das regras do amor que sigo
 não haverá quem m'aparte,
 que a defender-te ou deixar-te
 nunca mais eu seguirei,
 nem taes lições tomarei...
pois não sei senão amar-te !...



Trilogia

MOTTE

Eu tenho tres paixões, tres coisas que eu adoro :
A musica sublime, e que é o meu ideal !
O nimbo d'oiro e luz que se chama — Mulher !
As flôres, cuja essencia é sempre divinal !

GLOSAS

I

Ha na terra grandeza, ha oiro que seduz,
riqueza que embriaga e luxo que é portento !
Mas todo esse esplendor é para mim tormento !
é carro triumphal que a Miseria conduz !
P'ra uns, a vida é goso, astro de intensa luz ;
p'ra outros, densa treva, iniqua, que deploro...
Dentro da treva immensa, eu vivo e penso e choro,
acalentando em sonho as minhas illusões !
— Se ao pobre é dado ter desejos, ambições,
eu tenho tres paixões, tres coisas que adoro.

II

Uma é a Divina Arte, a doce vibração
que Wagner cultivou, e deu nome a Chopin,
e cuja limpidez lembra a clara manhã
cheia de ardente sol... aurea scintilação !
Arte que faz sorrir ou traz a commoção
Linda fibula d'oiro em manto angelical !
Arte feita de espuma, essencia espiritual
filtro d'amor e sonho... e raios de luar !
Tem no meu peito erguido um luminoso altar
a Musica sublime, e que é o meu ideal !

III

Outra é a deusa linda, obra d'arte adorada,
 que um beijo faz sorrir, em transportes d'amor...
 Cujos seios enternecem em convulsões de Dôr,
 se a amargura lhe fêre a alma enamorada!
 E' bondade suprema, é renda perfumada,
 é um beijo de Sol na Aurora rosicler!...
 Abraço de velludo, aperta quando quer,
 melodiosa a Voz, encantos mil contem!
 E' boa como Esposa, e santa quando Mãe,
o nimbo d'ouro e luz que se chama — Mulher!

IV

Resta-me, finalmente, ir deslumbrar a vista
 nos frondosos jardins, mansão das violetas,
 a doce inspiração da alma dos poetas
 onde a Rosa é rainha e vassallos conquista.
 Oh! verbenas gentis!... quem ha que vos resista!
 Vossa gracilidade, é bella e magistral...
 —O jardim, reverbéra um iris de crystal,
 um mixto de perfume e graça transcendente!
 Razão porque eu adoro e estimo immensamente
as flôres, cuja essencia é sempre divinal!

AVELINO DE SOUSA.



União Iberica

MOTTE

Contra os que gostam da iberica
hei de lutar com pericia,
a união co'a gente hispanica
não nos póde ser propicia.

GLOSAS

I

Minh'alma em ser patriotica
tem uma rasão legitima ;
é porque teme ser victima
d'uma desordem cahotica.
Detesto a nação despotica,
carcomida e cadaverica,
que tem a idéa chimerica
d'avassalar meus patricios ;
mas eu farei sacrificios
contra os que gostam da iberica.

II

Não hão de os filhos da Bethica
dominar a lusa heroica,
que se oppõe á força estoica,
da patria nervosa, atheletica.
Essa visinha cachetica,
sem vergonha e pudicicia,
não ha de haurir a delicia
de nos pôr na decadencia,
porque, pela independencia,
hei de lutar com pericia.

III

Era a maior ignominia
para a velha Lusitania,
que sempre foi expontanea,
na justiça rectilinia.
Jamais ha de a serra Herminia,
cheia de altivez titanica,
soffrer a guerra tyrannica
d'uma nação babylonica,
por achar que é desharmonica
a união co'a gente hispanica.

IV

Soltemos um grito altisono
do mais erguido pinaculo,
que vá servir d'obstaculo
a esse attentado horrisono.
Que percorra o brado unisono
nossa patria natalicia
para que sôe a noticia
assoladora e colerica,
de que a lei da gente hysterica
não nos póde ser propicia.

DOMINGOS FERNANDES.

Não te deixo

MOTTE

Já fiz voto de querer-te,
mil empenhos de adorar-te;
fortuna foi conhecer-te,
desgraça será deixar-te.

GLOSAS

I

No peito um altar ergui,
por dar-te culto melhor :
foi o sacerdote, Amor,
por mão de quem t'o off'reci.
Por mim, por elle e por ti
jurei de nunca offender-te;
e para a alma offerecer-te
entre premissas mais claras,
pondo as mãos nas santas Aras,
já fiz voto de querer-te.

II

Sempre em querer-te empenhado,
a terra e o ceu me verão ;
ambos fiadores serão
d'este amor, d'este cuidado.
Meu cruel e antigo fado,
por mais que de ti me aparte,
não tem poder, não tem parte
n'este empenho tão distincto,
onde, a cada instante, sinto
mil empenhos de adorar-te.

III

Conheci que tu só eras
digno de empenho tão puro ;
e pelos teus olhos juro,
que nunca o fiz tão devéras.
Ah ! meu bem, se tu souberas
o mais que eu não sei dizer-te,
virias a convencer-te
de que para o meu amor,
no mundo a sua maior
fortuna, foi conhecer-te.

IV

Muitos terão por loucura
a minha justa paixão :
cegueira lhe chamarão,
mas eu chamo-lhe ventura.
De tristeza, e de ternura,
suspirar por toda a parte,
continuamente adorar-te,
sem poder cair-te em graça ;
se ha quem cuide que ha desgraça,
desgraça será deixar-te.

João Xavier de Mattos.

Eu quizera...

MOTTE

Eu quizera ser a brisa
 que te oscula a tez mimosa,
 quizera ser a camisa,
 de teu corpo côr de rosa.

GLOSAS

I

Tu bem sabes o que eu queria
 mas visto que tu não queres,
 afogo n'outras mulheres
 este amor que te daria.
 No entanto, a phantasia
 taes formas em ti divisa,
 teu corpo se divinisa,
 faz-te entre as nymphas cantar,
 e p'ra te poder beijar
eu quizera ser a brisa.

II

Porque é que córas de pejo
 e porque me chamas louco?
 Acaso não é tão pouco
 eu pedir-te só um beijo?
 Não córes ao meu desejo
 porque a brisa beija a rosa,
 e se torna mais viçosa
 'té seu dia derradeiro;
 deixa que eu seja o primeiro
que te oscula a tez mimosa.

II

Não cedes ao meu pedido,
 continuas caprichosa,
 sabe, então, minha teimosa
 que vou ser mais atrevido.
 Em fofa cama escondido,
 onde teu corpo deslisa,
 novas vestes te improvisa
 da minha paixão a chamma,
 e p'ra te envolver na cama
quizera ser a camisa.

IV

Vou a Venus implorar
 que, por singular favor,
 mande á Terra o deus d'Amor
 p'ra meu martyrio findar.
 Basta ao teu corpo apontar
 uma setta venenosa,
 depois, rendida, amorosa,
 te entregas com alegria,
 para ter a posse um dia
do teu corpo côr de rosa.

ARTHUR ARRIEGAS.

Fado do desanimo(Cantado pela actriz **Maria Victoria**)

Nasci d'um beijo maldito.
D'um beijo que foi peccado.

N'um beijo que dei-te afflicto,
No meu viver desgraçado.

Em mil beijos m'illudi
Sem ter d'um beijo o calor

E a mim propria me perdi
N'um longo beijo d'amor.

E perdida vou andando
Se encontro beijos a dar.

Os labios a rir, cantando,
E o coração a chorar.

O' cypreste verde e triste
Copia da minha figura!

Verde qual esperança
Triste qual minha ventura!

A guerra

O homem lobo do homem
a si proprio se ultrajou,
que os horrores que o consomem
elle foi quem os criou.

Fez o crime, fez a guerra,
luto e fome elle inventou.
Semeando a dôr na terra,
n'um inferno a transformou.

Vidas, lares... por maldade
o seu genio arruinou...
Quantos filhos na orphandade
seu egoismo não lançou!

Que momentos indecisos
p'ra quem foi, p'ra quem fi-
cou...

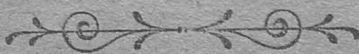
Quantos labios sem sorrisos
porque a morte os apagou!

A' pobre mãe, com fereza,
a guerra o filho levou;
e em seu logar a tristeza
por amparo lhe deixou!

Vêde a noiva... fundo ancieo
seu coração ennoitou...
Foi a guerra, que do seio
o seu noivo lhe levou!

Hei de lembrar com saudade
que houve um bem que nos deixou,
o Amôr, a Fraternidade,
que a ambição despedaçou!

BENTO FARIA.



Despedida

MOTTE

De luzente aureo metal
a sua taça tão querida ;
na mão convulsa, levanta,
despedindo-se da vida.

GLOSAS

I

Outr'ora em Tulle, reinou
um bom rei, tão fino amante,
que até morrer foi constante
à dama que o captivou.
Esta, quando lhe soou,
a suprema hora fatal,
deixou-lhe, como um rival,
para não ser olvidada
linda taça cinzelada,
de luzente aureo metal.

II

Na mesa a quiz sempre ao lado
só por ella o rei bebia
e o pranto que então vertia,
era por todos notado.
Vendo este bom rei, chegado
o termo da humana lida,
sem chorar, perder a vida,
repartiu bens que guardava,
excepto o que mais amava
a sua taça tão querida.

III

Foi isto em jantar de maguas
que el-rei deu á fidalguia,
em torre herdado que havia
ao rei das marinhas aguas.
Esconde o rei estas fragoas,
quando geme e se aquebranta
mas depois de beber, santa
consolação derradeira,
a taça, sua companheira,
na mão convulsa, levanta.

IV

E pr'a não deixal-a ao mundo
da janella ao mar a atira,
ondeia a taça e revira,
enche-se e desce ao profundo.
Mas n'este instante jocundo,
em que p'ra sempre perdida,
a aurea taça querida,
no fundo mar se abysmava
o rei seus olhos cerrava
despedindo-se da vida.

José Ignacio d'Araujo.

A uma ingrata

MOTTE

Que mal te fiz, ó ingrata,
para ser de ti deixado?
Se o bem querer é delito,
só n'isto serei culpado.

GLOSAS

I

Quem dissera, doce encanto,
que logrando os teus favores,
a impulsos dos teus rigores
formassem meus olhos pranto.
Hei de padecer emquanto
te não vir outra vez grata ;
e se teu rigor só trata
aumentar os meus pesares,
para assim me atormentares,
que mal te fiz, ó ingrata?

II

Se fora menos amante,
talvez lograra ditoso
nos braços de venturoso
glorias d'amor, cada instante.
Mas, ai ! Que da penetrante
setta d'esse Deus vendado
tenho meu peito abrazado,
sinto o coração ferido,
pois te não tenho offendido,
para ser de ti deixado.

III

Dize-me, pois, deshumana,
se deixar-me pretendias,
para que correspondias
á minha fé soberana?
Mas ainda que tyranna
maltrates meu peito afflicto
como fino me acredito.
Hei de sempre idolatrar-te,
e pódes de mim queixar-te,
se o bem querer é delito.

IV

Por mais que d'esse teu peito
me atormenta uma esquivança,
sem que em mim haja mudança,
será meu amor perfeito.
Bem sei que vivo sujeito
ás leis do teu desagrado ;
mas p'ra destino do Fado
não posso o contrario obrar :
por falso, não ; por amar,
só n'isto serei culpado.

O ladrão

MOTTE

O ladrão é um roubado,
e muitos julgam que não !
O ladrão, não é honrado
mas, o *honrado*, é ladrão.

DOMINGOS SERPA.

GLOSAS

I

Na actual Sociedade,
do roubo, o rico se dóe...
Mas o ladrão é heroe...
arriscando a liberdade.
Estabelece a Igualdade
quem roubar o abastado...
—Tirar ao rico um bocado,
é equilibrar o peso...
Portanto quando vae preso,
o ladrão é um roubado.

II

Se a todos pertence a Terra,
saibamol-a repartir
e por todos dividir
a riqueza que ella encerra !
Acho, pois, logica a guerra
contra o torpe Rei-Milhão,
que nos prende ao seu grilhão,
como a faminto rafeiro !...
Ah ! ladrão, és justiceiro,
e muitos julgam que não !

III

O que é o commerciante
dentro da lei immoral ?
E' um *gatuno-legal*,
um *honesto* traficante.
Mas, se a Lei, por um instante
não estivesse a seu lado,
tal *ladrão auctorisado*
vestia do Crime a pelle...
E, então, dir-se-hia d'elle :
—*O ladrão, não é honrado?*

IV

A lei ao rico dá goso
chama-lhe :—«*pessoa séria*»...
E os farrapos da miseria
são para o pobre andrajoso !
Chamam, porém, *criminoso*
ao pobre que *rouba* um pão !
—Valha-me a consolação
de que os *nomes* 'stão trocados :
Ha *ladrões* que são honrados,
mas, o honrado, é ladrão.

AVELINO DE SOUSA.

Fado liróda operetta **Entre as mulheres**

Guitarra, guitarra geme,
 Que o meu peito todo freme
 Quando choras pianinho;
 Não ha fado com mais alma
 que o liró, pois leva a palma
 'té ao proprio *choradinho*.

As duquezas e condessas
 Ao cantal-o pedem meças,
 Sem receio de perder,
 Nas areias de Cascaes
 Tem meu fado encantos taes
 Que é da gente enlouquecer.

Guitarra, guitarra amiga,
 Quando boto uma cantiga
 No calão da alta roda.
 Tua voz gemendo anciosa,
 Torna a minha carinhosa,
 E as madamas, dôce, engoda...

Qualquer faia canta o fado
 P'la guitarra enthusasmado!
 Até canta o bom burguez;
 Foi fadista o Vimioso
 Co'a Severa ardendo en gôso!
 Pois o fado é portuguez.

Canção da Céguinha(Da operetta **O Fado**)

Sou céguinha de nascença!
 Isto assim não é viver!
 Minha tristeza é immensa!
 Quem me déra já morrer!

Porque assim fui condemnada,
 se não fiz mal a ninguem?
 Vivo em trevas sepultada.
 Não conheço pae nem mãe!

Não sei a côr das florinhas
 que ha na serra, que ha no vall'.
 Só conheço as andorinhas
 pelos risos de crystal.

Eu ouvi dizer um dia
 que era linda a côr do céu.
 Tentei vê-lo, não podia.
 Triste sorte Deus me deu!

Que são lindas as estrellas
 e que a aurora linda é.
 Dava tudo para vê-las,
 dava a propria vida até!

Sendo as côr's que o mundo alegra
 não conheço uma só côr;
 só sei que é negra e bem negra
 esta minha eterna dôr!

Celestino da Silva. JOÃO BASTOS E BENTO FARIA.



O que é a mulher

MOTTE

A mulher é catavento
 que com os ventos varia,
 seu amor dura um momento
 tolo é quem n'ella se fia.

GLOSAS

I

E' toda contradição
 o character da mulher,
 ninguém lhe pode entender
 seu ingrato coração.
 Promette eterna afeição
 mas esquece o juramento
 dá ventura, dá tormento,
 ora é pomba, ora é leão,
 em ser má, como em ser bôa
a mulher é catavento.

II

Da rocha tem a firmeza,
 dos mares tem a doidice,
 e como não tem meiguice,
 da panthera tem a aspereza.
 E' conjuncto de incerteza
 tem arrancos d'uma harpia,
 é de fel e de ambrosia,
 é raivosa e é fagueira,
 é ventoinha ligeira
que com os ventos varia.

III

Sendo fragil creatura
 o seu poder é tão forte
 que nos dá vida ou dá morte
 que dá desgraça ou ventura.
 Pode ser guia segura
 nosso amparo e nosso alento
 ou causa do soffrimento
 mais horrivel e mais atroz,
 ora é anjo, ora é algoz,
seu amor dura um momento.

IV

Eu não digo que sou velho
 p'ra poder aconselhar,
 mas talvez te possa dar
 em tal assumpto conselho.
 Eu vejo ahi tanto espelho
 mesmo á luz do claro dia
 que p'ra amar eu acharia
 toda a cautela ser pouca ;
 se a mulher é vária e louca
tolos é quem n'ella se fia !

Cantigas...

MOTTE

Vou-me embora, vou-me embora
 porque a cantar não me ageito.
 Cantigas, farrapos d'alma,
 que fazem sangrar o peito.

GLOSAS

I

Já sinto dentro do peito
 enfra quecer os pulmões.
 P'ra entoar ternas canções
 não tenho alma nem geito ;
 do mal sinto já o effeito,
 que de todo me apavora,
 quando mesmo ainda agora,
 alguém quiz metter-me em brio...
 Tenho a vida por um fio !
Vou-me embora, vou-me embora.

II

P'ra cantar o terno fado,
 é preciso ser de raça
 dos que sentem a desgraça,
 d'um viver acabrunhado.
 Sem ter este predicado,
 jamais será um eleito ;
 mas eu já tenho defeito,
 'stou sem voz, quasi sem falla.
 Vejo-me cerca da valla,
porque a cantar não me ageito.

III

Que saudades eu não sinto
 do tempo em que, com saude,
 tangia o lindo alaúde
 co'o sentimento que pinto !
 Mas hoje que já pressinto,
 se despedaçar esta alma,
 sem ser'nidade nem calma,
 para nada tenho alento,
 cantas vós, com sentimento,
cantigas, farrapos d'alma.

IV

Nada me póde valer,
 foi-se de todo a esp'rança.
 Só conservo na lembrança,
 motivos do meu soffrer.
 Mas quando a morte vier,
 eu dir-vos-hei sem despeito ;
 se quereis cantar com geito,
 deveis soffrer muito mais
 dôres ; golpes bem mortaes,
que fazem sangrar o peito.

JOSÉ MARTINS RAMAJAL.

A hecatombe

MOTTE

A Europa 'stá de luto
por causa d'um sonhador ;
o novo Napoleão
da Terra quer ser senhor.

GLOSAS

I

Bonaparte, n'um arroubo
guerreiro, em demasia,
quize ser o senhor, um dia,
da terra por meio do roubo.
Logo voraz, como o lobo,
caminhando resoluto
as prezãs limando, astuto,
varias nações conquistou ;
desde então, não socego,
a Europa 'stá de luto.

II

Passaram-se longos annos
em socego lisongeiro,
'té que appar'ceu, altaneiro,
o imperador dos uhlanos.
Sem pensar nos desenganos
que soffre o usurpador,
atirou-se, com rancor,
contra a França inimiga ;
hoje essa nação periga,
por causa d'um sonhador.

III

Seus homens são qual matilha
a perseguir um veado,
fica tudo devastado,
p'lo incendio, saque, pilha.
Violentam mãe e filha
aos olhos da multidão
e depois, sem compaixão,
as trucidam com horror ;
é cruel em seu rancor,
o novo Napoleão.

IV

E dizem que Deus existe !
Não ereio, é utopia ;
pois para tal felonia
o perdão não subsiste.
Ao vêr um quadro tão triste
minh'alma 'stala de dôr
e ao ouvir mortal fragor
o coração se espedaça ;
pois Guilherme, que desgraça !
da Terra quer ser senhor.

VELLOSO DA COSTA.

Canções do vício**Improviso**

Certo dia a Desventura
da minh'alma se apossou
e atrahiu-me á vida impura
onde a rir me abandonou.

Desde então, indifferente,
quantas bôcas não beije!
Quanto peito repellente
contra o meu peito apertei!

De mim fogem as donzellas
com um gesto de desdem.
Não se lembram—pobres d'ellas!
que eu nasci virgem tambem.

Foi seu pae, cheio de fel,
que a odiar-me as ensinou!
Quem sabe se não foi elle
que á desgraça me arrastou

Todo o mundo nos offende,
mas offende sem razão.
A rameira os beijos vende,
mas não vende o coração.

Meu sorrir disfarça o pranto
que me tenta suffocar.
Quantas vezes eu não canto
com vontade de chorar!

BENTO FARIA.

(Modinha cearense)

Por entre espinhos, chorando,
vou levando a minha cruz,
enquanto vives pizando,
a sorrir, n'um chão de luz.

Sem coração não se existe
dizem todos, mas não sei,
porque 'inda vivo tão triste,
se o que eu tinha já te dei.

Hontem chorei desolado
por me vêr longe de ti,
mas, hoje, estando a teu lado,
soffro mais que hontem soffri.

Minha alma andava sem ninho,
viu teus olhos... Cubiçou!...
E, assim como um passarinho,
dentro d'elles se aninhou.

CATULLO CEARENSE.



Antiquado**MOTTE**

Vão as decimas sem mote
 porque o poeta matreiro
 entendeu que lucrou muito
 em o deixar no tinteiro.

GLOSAS**I**

Se ha fogo no Beato, ó gente,
 11 as badaladas são,
 quando 12 os sinos dão,
 é porque ha fogo em S. Vicente.
 Quem as 13 tocar sente
 sabe que na Graça elle é.
 14, diz que é na Sé
 Conceição 15, sabeis,
 S. Nicolau 16.
 mais uma Socorro olé.

II

S. José 18 bate
 19 a Pena arruma.
 Bemposta 20, 21
 S. Sebastião depois bate.
 22 Monserrate,
 Santa Izabel 23,
 Convento Novo, e tu crês,
 São 24 as que dá,
 Necessidades dará,
 25 á sua vez.

III

Compete as 26,
 Sabe-o quem anda na aula,
 A S. Francisco de Paula.
 Santos-o-Velho, ouvireis,
 dar 27 e sabeis
 que 28 é nos Paulistas,
 Chagas bairro de fadistas
 que de 29 é o toque,
 mas que dão 30 em S. Roque,
 sabem todos os sacristas.

IV

Martyres 31 decora
 uma S. Paulo tem mais,
 33 é Olivaes,
 34 Boa-Hora.
 35 quem ignora
 ser em Alcantara, ninguem
 são 36 em Belem,
 Bemfica dá 37.
 E a Odivellas, compete,
 38, ora ahi tem.

José Ignacio d'Araujo.

Trevas . . .

MOTTE

O cego vive em tristeza,
o doido vive contente ;
o cego sente e não vê,
o doido vê e não sente.

GLOSAS

I

No taciturno hospital
onde não entra alegria,
dentro da cella sombria
o doido não vê seu mal.
Sua inconsciencia é tal
que nada vê com firmeza,
emquanto mesmo em riqueza,
entre o fausto e a opulencia,
só tendo luz na consciencia
o cego vive em tristeza.

II

Só conta o tempo passado
na tremenda escuridão,
às vezes só e sem pão
sobre uns farrapos deitado.
Esse mal aventurado
que horriveis vertigens sente,
tem um fito unicamente:
os braços frios da morte...
emquanto co'a mesma sorte
o doido vive contente.

III

Luz viva da intelligencia
tu esvaes-te como o fumo,
sem poder mudar teu rumo
a portentosa sciencia.
A vista é o mesmo que a essencia
que Deus á florinha dê,
eis esta razão porquê
não vive o cego contente...
se o doido vê e não sente,
o cego sente e não vê.

IV

Vê-de o doido discursar...
alto e supremo mysterio !
n'essas phrases sem criterio
muito temos que estudar.
Lobriga visões passar,
as quaes não vê indiff'rente,
e depois, foge contente
qual ser jocundo e feliz,
e por isso o mundo diz :
«O doido vê e não sente !»

Campesina**Decimas**

MOTTE

Ao pé de uma clara fonte
adormeci suspirando.

GLOSAS

Da minha Pastora, ausente,
me vi tão saudoso um dia,
que enfadado aborrecia
o proprio trato da gente.
Da aldêa vou descontente
buscal-a ao visinho monte ;
e sem achar quem me conte
noticias de Marcia bella,
chorando, fui dar com ella,
ao pé de uma clara fonte.

Disse-lhe que o meu cuidado
tão fino se desvelava,
que, só por vel-a, deixava
a aldêa, a cabana, o gado.
Ouviu-me a queixa ; e mudado
o duro genio, mais brando
lhe fui sentindo : Mas quando
n'estes amantes espaços
me reclinou nos seus braços,
adormeci, suspirando.

Não sou eu, nem ser podia,
quem destina a minha ausencia ;
que uma tão cruel violencia,
por gosto, não buscaria.
E' do Fado a tyrannia,
que move a separação :
é uma satisfação,
que elle mesmo tem disposto,
porque anda uma vez o gosto
sacrificado á razão.

Sabe, Amor, o quanto eu vou
entregue á minha saudade :
sabe que d'esta verdade,
ais por testemunhas dou.
Sabe a dôr que me causou
dizer-te adeus, finalmente :
sabe, que ha de vêr a gente
um continuo e amargo pranto
banhar meus olhos, emquanto
estiver de ti ausente.

João Xavier de Mattos.



O Arco de Santo André e o Guines

(Da celebre revista O 31)

ARCO

Já me fui ao charco,
Já não 'stou de pé,
Adeus, velho arco
Lá de Santo André!

GUINES

E o *guines*.
Petiz da esmola,
Tambem foi á viola,
Pois então *cumié*!

ARCO

Da antiga cerca da cidade,
Era o mais velho guardião,
Ai, que tristeza! Ai, que saudade,
De tanta gloria e tradição.

GUINES

Tambem eu já fui despresado,
P'lo centavo que é mais novo.
Com cinco réis de mel coádo
Quanta illusão se dava ao povo.

ARCO

Neto meudo
Tens amparo e tens um 'scudo
Sob os meus pégões fieis!

Fados — 3

GUINES

Meu avôsinho,
Tu que és pobre e és velhinho,
Toma lá os cinco réis. (*bisi*.)

ARCO

'té o meu Castello
Tão audaz na guerra,
Hade o camartello
Tambem pôr em terra...

GUINES

Adeus
Cinco réis de nada,
Com que a rapaziada
Ia para a *berra*!

ARCO

Por mim passava tóque, tóque,
A procissão que já não passa,
Que ia da Graça p'ra S. Roque
E de S. Roque para a Graça.

GUINES

Eu vou-me embora, já não fico,
Por ser petiz e ser de cobre,
Se era desprezo para o rico,
Dava alegria á gente pobre!

ARCO

Neto meudo,
etc.

—

ARCO

Respeitar a historia
Tel-a em nobre apreço
Só reverte em gloria
Do febril progresso !

GUINES

E o pão,
P'ra quem tenha fome,
Já ninguém o come
Por tão magro preço.

ARCO

O terremoto de Lisboa
Eu supportei sem ir ao chão,
E de repente, agora, á toa,
Deitou-me abaixo a innovação

GUINES

Por tão pouco achava em mim
A f'licidade um garotinho :
Com cinco réis de gergelim
E um capilé de cavallinho.

ARCO

Neto meudo,
etc.

Fado da Situação

(Da revista **A Rosa Tyranna**)

Nosso fado,
mal fadado,
é cantado
ao som da fuzilaria.

Aos trinados
magoados,
dedilhados
Responde-lhe artilharia.

Rebenta uma lanterneta
Na cosinha parte um môcho,
Vae um typo p'ró maneta
E por cima fica côxo.

'Stá um tipo descançado
Co' a familia a tomar chá
Vem uma bala e—pá—
Fica um homem desgraçado.

Passa d'esta p'rá melhor
Toda a gente luzitana ;
Vae um gajo para o *manjor*,
Mesmo vestido á paizana.

Eu quero que o meu caixão
seja blindado e, depois,
Tenha a fórma d'um canhão,
Dos taes de quarenta e dois.

Se um guarda faz disparate,
Não desforres teu rancôr,
N'um policia não se bate
Nem mesmo com uma flôr.

Por brincadeira uma bala,
Rebenta com ligeireza,
Vae um typo para a vála.
A cantar a Portugueza.

Bucolica

MOTTE

Linda pastora dormita
na fresca relva macia ;
o rebanho está deitado,
os cães estão de vigia.

* * *

GLOSAS

I

E' tão bello o espectáculo
que a campina nos offerece
que p'ra o contemplar merece
vencer qualquer obstaculo.
Emquanto o sol—sustentaculo—
de tudo o que a vista fita,
com a sua luz bemdita
doura tão linda paisagem ;
tranquilla, qual uma imagem,
linda pastora dormita.

III

Mais além nas vastas eiras,
trinam os pardaes em festa,
porque descansando a sésta
'stão as mimosas ceifeiras.
Essas bellas feiticeiras,
tão repletas de magia,
logo que dá o meio dia,
depois d'algo merendar,
se ageitam, p'ra descansar,
na fresca relva macia.

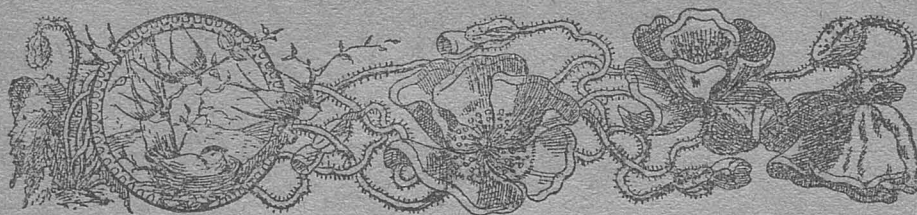
II

Emquanto o sol creador
parece abrasar a Terra,
percorre a encosta da serra
o enamorado pastor.
A pastora, com fervor,
depois de ter merendado,
espera o seu namorado
no sitio de maior sombra,
por vêr que na verde alfombra
o rebanho está deitado.

IV

N'esse momento alguém fala
aos cães, muito ternamente,
emquanto que sorridente
contempla a bella zangala.
E' o pastor, que a beijal-a,
se propôz com sympathia,
ella cheia de alegria
corresponde a seus desejos
emquanto trocam mil beijos
os cães estão de vigia.

João Soares.



Cantares

(musica de Thomaz Borba)

Canta e ri, ó mocidade,
não te cances de folgar ;
porque a vida, na verdade,
é de quem a sabe amar.

Ha quem diga que a amargura
é do mundo condição.
Só existe a desventura
dentro em nosso coração.

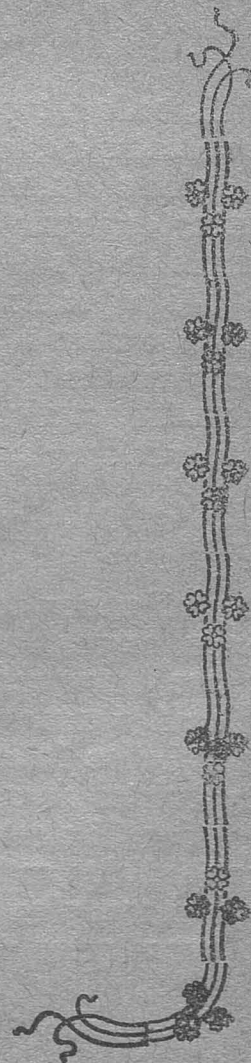
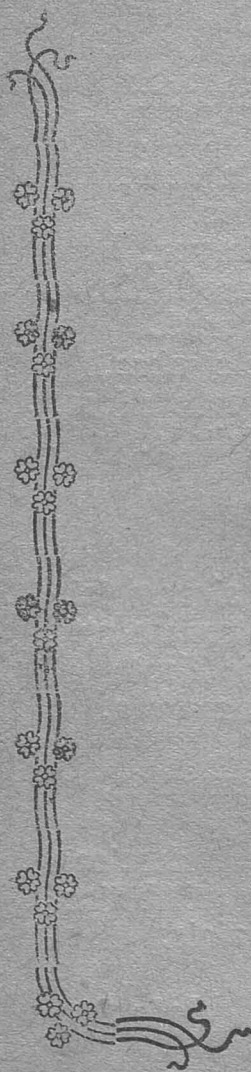
Veu a dôr a este mundo
com o odio que a gerou,
e esse odio tão profundo
do peito humano brotou.

Ide, ide, á rédea solta,
percorrer esses vergeis ;
quer na ida, quer na volta,
só sorrisos colhereis.

E, por todo o paraizo,
saltitae de flôr em flôr ;
que vereis cada sorriso
transmudar-se em casto amôr.

Tanta dôr, tanta tristeza,
tanto mal... tudo provem
de esquecer da Natureza
os bons conselhos de mãe.

BENTO FARIA.



Viva a Inglaterra

MOTTE

Não é só no mar, valente,
a Gran-Bretanha afamada ;
em terra é para temer,
n'offensiva ou alliada.

GLOSAS

I

Ao ver d'Allemanha o gesto,
p'ra punir-lhe a crueldade,
rompeu a neutralidade
sem do povo haver protesto.
Seu auxilio é manifesto
e com braço archi-potente
ao teutão fazendo frente
mostra, 'spalhando o terror,
que tem em terra valor...
não é só no mar valente.

II

A Allemanha ao declarar
a guerra á França inimiga,
não pensou que a sua amiga
contra si ia voltar.
Não querendo recuar,
co'a sua idéa ferrada,
na Belgica entra irada
todo o reino devastando,
tendo na frente, luctando,
a Gran-Bretanha afamada

III

Não temendo os vis canhões
que Krupp doou ao mundo,
o bretão fero, iracundo,
se lança sobre os teutões
Caem homens aos milhões,
é horrivel ver jazer
nos campos a padecer
tanta victima innocente ;
no mar a guerra é tremente,
em terra é para temer.

IV

Tres nações se alliamam
para vencer esta guerra :
Belgica, França, Inglaterra,
contra o *Kaiser* se lançaram.
Os allemães recuaram
á investida cerrada,
sua hoste é desimada,
perdem vidas em campanha ;
é temivel a Bretanha,
n'offensiva ou alliada.

Nunca!

(Canção brasileira)



Cessar de amal-a?!
 Deixar de vel-a?!
 Perder a estrella
 o azul
 do coração?!
 Goteje n'alma
 toda a amargura!...
 Desventura!...
 Que loucura!
 Justos céos, perdão!



O' brisas, que passaes,
 voae,
 levae
 meus ais!...
 As minhas lagrimas
 que vós, crúeis, maguaes!
 No culto teu,
 luar,
 da noite á solidão,
 dissolvo a magua
 nas rosas d'agua
 do coração.

Pereça o mundo,
 sempre hei de vel-a!
 No mais profundo
 horror
 pereça o amor!
 E morra a estrella,
 que Deus habita!...
 Alma afflicta,
 infinita
 ha de ser-te
 a dôr!

CATÚLLO CEARENSE.



Dôr que ri

MOTTE

Perdida, tão nova ainda,—
 que pallidez em seu rosto!...
 Devia ter sido linda,
 linda como o sol d'Agosto!

(?)

GLOSAS

I

Assiste a aureo festim
 ensaiando gargalhadas...
 Mas as faces desmaiadas
 são o *principio do fim!*
 Sorri como um cherubim
 da mais pura graça infinda...
 E' a orgia que a guinda
 ao mais impudico arrojo!
 Faz pena, desejo e nojo,
 perdida tão nova ainda!

II

Tilintam Sévres crystaes...
 E ella, com o seio a nú,
 deixa tratar-se *por tu*
 e presta-se ás saturnaes!
 E ri... ri, cada vez mais
 com o corpo á venda exposto
 A carne, paga o imposto
 ao luxo, ao vicio, á orgia!
 E a desmentir-lhe a alegria,
 que *pallidez em seu rosto!*

III

Uns labios de ebrio a osculam
 n'um frémito de desejo...
 Após tão putrido beijo
 ali mesmo se copulam!
 Lubricidades pullulam
 até que a orgia finda
 rompe a alvorada bem vinda
 e ella nua, a dormir
 obriga-nos a exclamar:
 —*Devia ter sido linda!*

IV

Como as pétalas da rosa
 arrancadas p'lo granizo,
 assim se apaga o sorriso
 da tua boca mimosa!
 Essa rameira formosa
 depois de muito desgosto
 morreu firme no seu posto
 de Desgraça, a peccadora!
 Mas, vê-se ainda que fôra
 linda como o sol d'Agosto!

O cigarro

MOTTE

Dizem que o cigarro tira
as maguas do coração :
fuma-se, o cigarro apaga-se,
as magoas inda cá estão.

* * *

GLOSAS

I

Ha quem para o soffrimento,
sem medir a insensatez,
julgue na embriaguez
encontrar o linimento.
Outros, por méro argumento,
que nada de bom transpira,
fumando com certa ira,
por suggestão, nada mais,
dôr's que pôdem ser fataes,
dizem que o cigarro tira.

II

Eu, de ha muito, magoado,
embora com certo tedio,
já fiz uso do remedio,
mas não tirei resultado.
Por isso, interrogado,
em qualquer occasião,
eu direi, com precisão,
que scismar tal é loucura,
pois nem a sciencia cura
as magoas do coração.

III

Quem um doutor consultar,
imparcial e amigo,
dirá o mesmo que eu digo
qu'rendo a verdade falar.
Não ha que ludibr'ar :
o padecente embriaga-se,
na fé de salvar-se, estraga-se,
dando ao cigarro convivio,
pois é um supposto alivio...
fuma-se, o cigarro apaga-se.

IV

Já tenho a prova cabal
que o cigarro é improfiquo,
como o alcool é iniquo,
para qualquer dôr moral.
A desillusão foi tal,
foi tão severa a lição,
que do cigarro em questão
sem que os vestigios deixasse,
embora a cinza voasse
as magoas inda cá estão !

JOÃO SOARES (PEIXINHO).

Cobre-me ... Cobre-me(Da revista **A Acaimação**)

De esperar por ti sem vires
 Já tenho a alma gelada,
 Vem meu bem p'ra me cobrires
 Antes que chegue a alvorada !

Cobre-me, cobre-me,
 etc.

Cobre-me, cobre-me, cobre-me
 cobre-me, cobre,
 Que eu tenho frio,
 Se tu queres a minha capa
 Has-de pedil-a ao meu tio.

O inverno é rigoroso
 E mal te vejo a tremer
 Eu fico logo nervoso
 Já não sei que heide fazer.

Cobre-me, cobre-me,
 etc.

Se vires a janella aberta
 Não 'stejas com embaraço
 Vem depressa, aperta, aperta,
 P'ra me aquecer nos teus braços !

Cobre-me, cobre-me,
 etc.

Maria, minha Maria,
 'stás de frio a tiritar,
 Chega-te a mim bem depressa
 Que te vou acalentar.

Se eu te encontrar á janella,
 Tiveres aberta a vidraça,
 Entra-te o frio por ella
 Que queres meu bem que te faça !

Cobre-me, cobre-me, cobre-me,
 Cobre-me, cobre-me,
 Que eu tenho medo,
 Se queres meu bem que eu te cubra
 Háde ser muito em segredo !

Celestino da Silva.



1916

MOTTE

No *Templo de Salomão*,
ao romper da *Madrugada*,
fugiu o *Príncipe herdeiro*
beijando a *Rosa engeitada*.

GLOSAS

I

Foi a *Galderia d'O fado*
que *Amor's de principe* teve,
para trahir *O Pé leve*
que era o seu *Sonho dourado*.
Mas, a *Visinha do lado*,
com *Amor de perdição*,
pede auxilio ao rei *Samsão*
e cerca o *Paiz do vinho*
pondo *Alerta o Rezinho*
no *Templo de Salomão*.

II

A' *Esp'reita*, a *Bisbilhoteira*
vae procurar o *Faz tudo*
e manda o *Pinto calçado*
ir de *Lisboa á fronteira*.
Que consulte a *Feiticeira*
co'a *Luva branca* calçada,
p'ra se *Furtar á Rajada*
o *Morcego*, *Adeus, ó Motta!*
raspou-se p'r' *Aljubarrota*
ao romper da *Madrugada*.

III

Orando ao *Senhor roubado*
diz *D. Cesar de Bazan* :
—*Palavra d'honra*, *Amanhã*,
vou prender *O condemnado*.
Vou ter com *El-Rei damnado*,
Pedro, o *cruel*, *justiceiro*,
mas é *Agulha em palheiro*,
porque *De capote e lenço*,
para o *Novo mundo*, *immenso*,
fugiu o *Príncipe herdeiro*.

IV

A bella *Sorôr Marianna*
chama a *Severa*, *Malquerida*,
que traz a *Folha corrida*
d'aquella *Rosa tyranna*.
—Oh! grita a *Casta Suzana*,
e a *Gente moça*, *pasmada*,
dá com a *Divorciada*
e a *Garota* quasi nua,
nos braços da *Flôr da rua*,
beijando a *Rosa engeitada*.

RUY SOARES (RUVASCO).

A viola magoada

A cantar, dançar
Emquanto a viola chora.

A viola está magoada,
Magoado o dono tambem ;
A prima está-me dizendo
Que a Rosa á festa não vem.

Eu ando desconfiado
Que o Antonio do Caeté
Que mora na encruzilhada
N'uma casa de sapé.
A cantar, dançar, etc.

A casinha onde ella mora,
é mesmo um ninho de amor !
Vae-se lá atraz do cheiro
Das trepelias em flôr.
A cantar, dançar, etc.

Vou buscar esse tropeiro
Que tem fama de cantar,
Que a fama de violeiro
Só vocês pódem tirar.
A cantar, dançar, etc.

Vocês não sabem, morenas,
Meu coração como está,
Tão roxo, que até parece
A flôr da maracujá.
A cantar, dançar, etc.

Se vocês estão zombando
E' porque não sabem, não.
O estrago que fez a Rosa,
N'este pobre coração.
A cantar, dançar etc.

A viola está sentida
Como seu dono tambem,
Não sei que sinto no peito
Que diz a Rosa não vem.
A cantar, dançar, etc.

Tocarei emquanto o peito
Pela Rosa palpitar.
Só deixarei a viola
Se a Rosa me abandonar.
A cantar, dançar, etc.

Dancem, dancem, minha gente,
Façam barulho e rumor,
Comtanto que na alegria
Não mexam co'a minha dôr.
A cantar, dançar, etc.



Idyllo

MOTTE

Lá na Boca do Inferno
juntou-se a Terra c'o Mar.
Mas Cascaes não soube ao certo
se aquillo era p'ra casar.

GLOSAS

I

O Mar mais triste que a morte
á Terra fez pé d'alferes,
mas a Terra,—ai, as mulheres!...
ao pobre Mar não deu sorte.
Elle, porem, que é mais forte
e tem a lábia d'Averno,
fez-se tão Lucas, tão terno,
tratou-a tanto por tu
que ella deu-lhe o *rendez-vous*
lá na Boca do Inferno.

II

A Guia e outras que taes
intriguistas inclementes,
deram co'a lingua nos dentes,
contaram tudo a Cascaes.
Este passou aos Pinhaes
que ás Praias foram contar
e o que eu sei, é que ao luar
do Faról até á Guia,
já toda a Costa dizia :
—Juntou-se a Terra c'o Mar...

III

Mas o que nunca se viu
foi o que elles lá fizeram...
se algumas ostras comeram
ou se *Champagne* se abriu...
Só um beijinho se ouvia
n'aquelle vasto deserto ;
mas o Farol que é esperto,
que nunca, nunca repousa
disse aos outros : «Houve coisa...»
Mas Cascaes não soube ao certo.

IV

E' isto que acontecia
na maior parte das vezes ;
mas apezar dos revezes
d'aquella noite sombria,
o Vento pergunta á Guia
se depois de muito andar
sosinha a Terra c'o Mar,
(vejam que ingenuo este Vento)
se a Terra vae p'ra um convento,
se aquillo era p'ra casar!

Amar

MOTTE

Amar e saber amar
são dois pontos delicados :
os que amam são sem conto ;
os que sabem são contados.

GLOSAS

I

Sei que não ha coração
tão duro que amor não sinta ;
que qualquer escreve e pinta
como sabe, esta paixão :
mas amar com descrição,
saber a tempo fallar,
emudecer, suspirar,
tão facil como se pensa
não é : tem muita differença
amar, e saber amar.

II

Inclinação para amar
todos tem, homens e feras ;
mas saber amar devéras,
é difficil de encontrar :
nem todos sabem pensar
subtilmente em seus uidados :
os que bem exp'rimetados
nas leis do Amor estão promptos :
só sabem que estes dois pontos,
são dois pontos delicados.

III

No vasto imperio d'Amor
ha differentes jerarchias ;
uns amam por sympathias,
outros, seja como fôr :
uns vão á superior
esphera a que eu me remonto :
por isso até certo ponto,
todos amor podem ter,
pois ainda, sem saber,
os que amam são sem conto.

IV

Nem todos podem chegar
a ter amor sem defeito ;
porque isto d'amôr perfeito
é para os mestres d'amar :
é preciso diff'rençar
estes pontos delicados ;
porque ha entre os namorados
ignorantes, e peritos ;
os que amam são infinitos ;
os que sabem, são contados.



Canção do Collete Encarnado

(Da operetta **O Fado**)

Minha guitarra adorada
ajudá-me, por favor,
a lembrar á minha amada
os seus protestos d'amôr.

Quero chamar a perjura
e perguntar-lhe o que fez
d'aquella eterna ventura,
que me jurou tanta vez.

Se, quando me desprezava,
nunca se lembrou, sequer,
que assim desacreditava
o coração da mulher.

Oh! Como a gente envaidece!
Julguei-me tanto no ceu,
que offendia quem dissesse
que era mais feliz do que eu.

Virá dizer-me á janella
que não tenho coração.
Não tenho... matou-'o ella
com o punhal da traição!

No seu peito desprezado
achará, morto de dôr,
meu coração sepultado
nas cinzas do seu amôr!

JOÃO BASTOS E BENTO FARIA.

Caraboo

(Canção americana, cantada pelo artista brasileiro Geraldles

I

Vou contar-lhes um conto
Que, por ser verdadeiro,
Faz chorar de tristeza
O Universo inteiro.

Eram duas creanças
Que viviam de esp'ranças...
E sem o amor conhecer
Costumava elle dizer:

O' minha Caraboo,
Minha flôr em botão,
Que dôce sensação
Que me causas tu
Minha Caraboo.

II

Os dois foram crescendo
Sem saber que se amavam...
Porém estando ausentes,
Elle e ella choravam...

Um dia ao dar um beijo
sentiram o desejo
Sem mesmo saber de quê;
Elle lhe diz então: Vê.

O' minha Caraboo
Dou-te o meu coração,
Oh! não o percas; não,
Guarda-o bem só tu
Minha Caraboo...

III

Quando já eram noivos,
Já certo o casamento,
Surgiu a desventura
Chegou o soffrimento...

O pobre enamorado
Teve d'ir p'ra soldado...
E, já prompto p'ra marchar
Despediu-se a soluçar:

Ai! minha Caraboo
Vaes no meu coração,
E's a minha paixão,
Meu amôr és tu
Minha Caraboo.

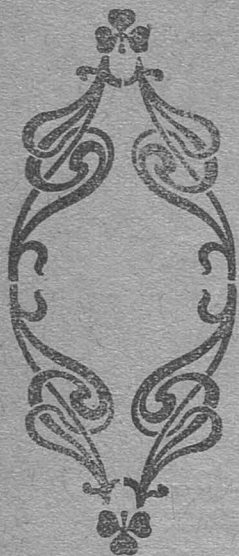
IV

Andou lá pela guerra
Sem receios da morte,
Sempre a vêr tambem quando
Lhe chegava a sorte...

O pobre extenuado,
A's vezes mui cançado
Sem perder seu amôr
Dizia com dôr:

O' minha Caraboo
Minha dôce visão,
Não me esqueças, oh! não
Não me esqueças tu
Minha Caraboo!

V



Mas, afinal um dia,
Uma bala traiçoeira
Veiu acabar com tudo
De uma cruel maneira.

O pobre herce, coitado!
No chão ensanguentado...
Inda mesmo ao expirar
O ouviram murmurar:

O' minha Caraboo,
Toma o meu coração
Amôr, minha paixão,
Foste tu, só tu,
Minha Caraboo.

**A Esturdia**

(Fado cantádo pela actriz Maria Victoria, na celebre revista **O 31**)

A Esturdia!
só da balburdia
é que eu vivo e me alimento!
Feita só de coração,
d'alegria e commoção,
toda eu sou sentimento.

A moral e as convenções
dos burguezes figurões
arrepio á gargalhada!
Mas se a dôr me penalisa
dou a alma e a camisa
á primeira desgraçada...

Tenho o sangue da Severa
mas os nervos d'uma artista...
definir ai, quem pudera!
a paixão d'uma fadista.

Ninguem, nem tu comprehendes,
o que dentro em mim eu sinto:
o fogo da Julia Mendes,
a telha d'Angela Pinto!

Ser a Palmyra bohemia,
da Barrinche ter a gloria;
no *faduncho*, a irmã gemea
ser da Maria Victoria!





Cantares

Cae a sombra nos espaços,
já vae longe... no entanto
ainda oigo os teus passos,
como o murmurio d'um canto.

E até, depois de perdida,
vejo-te ainda nas trevas!
Vejo, sim! porque me levas
meu thesouro, minha vida.

Quantos astros ha no céu!
Quantas ondas ha no mar!
Quantos mares no teu peito!
Quantos céos no teu olhar!

GUERRA JUNQUEIRO.

A' Republica

MOTTE

Derrubou-se a monarchia,
 essa cohorte indecente,
 foram-se uns, outros ficaram,
 pois é tudo a mesma gente.

GLOSAS

I

Innumeros portuguezes,
 cujo nome eu ora encubro,
 no dia 5 d'outubro
 mostraram ser bem cortezes.
 Sem temer serios revezes
 e nem mostrar cobardia,
 em pról da democracia,
 combateram com valor,
 e sem da lucta o horror
derrubou-se a monarchia.

II

Os civis e artilheiros
 prevendo lucta iracunda,
 barricaram a Rotunda
 p'ra fazer tiros certos.
 Uns destemidos guerreiros
 d'alma valorosa e crente,
 só vendo na sua frente
 o sacratissimo ideal,
 correram de Portugal
essa cohorte indecente.

III

Combatendo tudo e todos,
 ao lado da opinião publica,
 implantaram a Republica,
 'spalhando alegria a rodos.
 Os monarchicos p'los modos,
 fugiram e não luctaram,
 o seu rei abandonaram,
 com ferina cobardia
 á torpe demagogia...
foram-se uns, outros ficaram.

IV

Se pensasse bem o povo
 na sorte que o esperava,
 com certeza não luctava
 por um ideal que é novo.
 O seu gesto muito eu louvo
 pois tornou, incontinente,
 a nação independente...
 mas lastimando com dôr,
 que ao paiz não tenha amor,
pois é tudo a mesma gente.

Hontem e hoje...

MOTTE

Outr'ora vestias lã,
 hoje a seda é tua veste.
 Ha quem diga que subiste,
 mas eu digo que desceste !

GLOSAS

I

Tu vivias n'uma aldeia
 e andavas guardando gado,
 quando voltavas do prado
 comias sopas á ceia.
 Davas ás bestas aveia,
 mal despontava a manhã,
 eras a pobre aldeã
 muito alegre e córadita ;
 outr'ora vestias chita,
 outr'ora vestias lã.

II

Gostou de ti um marquez
 e despresando a nobreza,
 para te fazer marqueza
 deu-te a mão, sem altivez.
 Desp्रेसáste um camponez,
 pena d'elle não tiveste,
 casar, sem amor, quizeste,
 despresando ao pobre a féria,
 não te lembrando a miseria
 hoje a seda é tua veste.

III

Despresáste a penedia,
 a fonte, a relva, a bonina,
 abandonáste a campina
 onde tudo é melodia.
 Hoje, a vil hypocrisia
 n'essa tua frente existe !
 Ao vicio nunca resiste
 quem passa vida ociosa,
 e ao ver-te, assim, donairoza,
 ha quem diga que subiste.

IV

Nascendo sem vituperio,
 entre honesta e pobre gente,
 vivias do mundo ausente,
 mas tinhas um viver sério.
 Desejando ter imperio,
 sem temer a vida agreste,
 eis que teu corpo reveste
 o luxo que te ha fanado,
 e dizem ter's-te elevado...
 mas eu digo que desceste !

ARTHUR ARRIEGAS.

Desalento

MOTTE

Emquanto as aves voando
a cantar passam a vida,
eu vagueio, pranteando
uma esperança perdida.

GLOSAS

I

Se tu, Maria, pudesses
compreender meu sofrimento,
darias fim ao tormento
mas vejo que me aborreces.
Por teu amor fiz mil preces,
porém, tu, sempre troçando,
ias commigo mangando
e eu tão nescio, se tu rias,
sonhava mil phantasias
emquanto as aves voando.

II

Já, me julgava a teu lado
bella, adoravel creança,
afagando a loura trança
do teu lindo penteado.
Eu quizera, anjo adorado,
ó doce imagem tão qu'rida,
n'uma estrophe bem sentida
cantar amor dos leaes,
como os alegres pardaes
a cantar passam a vida!

III

Porém, eis tudo mudou
quando essa masc'ra tiraste,
o meu coração rasgaste
tudo p'ra mim se acabou.
Emquanto a esp'rança durou
e eu te fui acreditando,
vivia feliz! Mas quando
vi que em amar-te fiz mal,
desde esse dia fatal
eu vagueio pranteando.

IV

Entrego-me a todo o vicio
p'ra esquecer amarguras,
e praticando loucuras
arrasto-me ao precipicio.
Mas se acaso do bulicio
eu me afasto, ainda f'rida
a minha alma corrompida
lembra sempre e com paixão
uma desfeita illusão,
uma esperança perdida!...

Ambição

MOTTE

Que importa que eu tenha tido
doços momentos na vida,
se a desgraça me atormenta
e a ventura está perdida?

GLOSAS

I

De que me serviu viver
entre ricas equipagens,
possuir bellas carruagens,
gosando luxo e prazer?
Que me serviu conhecer
o que era desconhecido,
visto, apenas, ter nascido
para viver na pobreza,
p'ra que foi tanta riqueza,
que importa que eu tenha tido?

II

Vivi em vastos salões,
entre luzes e dourados,
arrastando mil brocados
que me offertavam barões.
Estas minhas ambições
me tornaram corrompida,
tornei-me mulher perdida,
fui arrastada p'rá lama,
gosando, ao que o mundo chama,
doços momentos na vida.

III

P'ra que fui possuidora
de tamanha formusura,
se da minha desventura
ella foi a causadora?
Essa deusa seductora
a quem tanto vicio tenta,
nossos desejos augmenta
e faz-nos prevaricar;
p'ra que foi tanto gosar
se a desgraça me atormenta?

IV

Hoje vivo abandonada
por todos que me seguiram,
que apenas me preferiram
emquanto joven prendada.
Essa vida desregrada
me tornou envelhecida
e só fiquei reduzida
á negra fome e ao frio,
porque a belleza fugiu
e a ventura está perdida.

O pescador

MOTTE

Nas ondas foi que nasci,
no mar a infancia passei,
é o mar que me sustenta,
minha campa lá terei.

GLOSAS

I

Sou filho de pescadores
ao mar eu tenho afeição;
devia ter-lhe aversão
matou meus progenitores.
E' o mar os meus amor's,
foi a 'sposa que 'scolhi,
com elle sempre vivi,
não posso passar sem elle,
embora lá perca a pelle,
nas ondas foi que nasci.

II

Quanta vez, largando a praia.
olhando p'ró ceu pensei:
—«Só Deus sabe, voltarei,
são e salvo co'a catraia?»
O mar lá 'stá d'atalaia,
o que quer elle, bem sei,
seu cantar nunca olvidei;
parece um canto funéreo;
no mar tenho o meu imperio,
no mar a infancia passei.

III

Um dia, falsa manobra
o meu barco fez voltar,
e tivemos de lutar,
do mar vendo a cruel obra.
O corpo alento recobra
e lutando co'a tormenta,
sobre as ondas se aguenta
procurando a salvação;
no mar tenho o coração
é o mar quem me sustenta.

IV

P'ró nauta, o mar tem encanto,
é suave, tem magia,
encerra muita poesia,
origina muito pranto.
D'elle gósto, gósto tanto,
que jamais o deixarei,
foi a herança que encontrei
quando appar'ci n'este mundo,
o meu tumulo é seu fundo,
minha campa lá terei.

BAPTISTA DINIZ.

Um encravado

MOTTE

Se vir's o pobre empregado
lá no Registo Civil,
bem podes dizer :—Coitado,
antes a morte mais vil.

GLOSAS

I

Trabalha, afanosamente,
uns e outros registando,
parcos cobres vae cobrando
como um qualquer indigente.
E o que lhe dão, finalmente,
vae guardando envergonhado,
pois seu mesquinho ordenado
mal lhe chega p'ra viver,
podeis a compaixão ter
se vir's o pobre empregado.

II

Esse parco ganha-pão,
que não anda pago em dia,
é porque essa tal maquia
vae parar a muita mão.
De fórma que, á pae Adão,
ou quaes feras d'um covil,
sem terem nem um cetil
p'ra flandar limpos, polidos,
e andarem assim vestidos
lá no Registo Civil.

III

Já ninguém é conselheiro,
já não temos taes senhores,
mas ha praga de doutores
famintos, sem ter dinheiro.
Qual d'elles o mais frecheiro,
no calote exercitado,
em bom lugar collocado,
gosando a doce ventura,
mas do pobre, que o atura,
bem podes dizer :—Coitado !

IV

Esse tal bacharelato
é a peste mais temida,
pois nem a agua fervida
d'elles nos põe a recato.
Mesmo do cobre, o sulfato,
já não é pod'roso ardil,
mas se um veneno subtil
não salva o pobre illudido,
só um tiro n'um ouvdo,
antes a morte mais vil !

Um beijo

MOTTE

Já um poeta escreveu :
 —«Um beijo pede-se e dá-se.»
 Houve alguém que m'o não deu
 e fez com que eu lh'o roubasse.

GLOSAS

I

Porque vacillas, Estella,
 em me deixar's dar um beijo,
 pois se é esse o meu desejo
 visto seres casta e bella?...
 Não deixas de ser donzella,
 nem perdes o brilho teu ;
 é só um capricho meu,
 é uma idéa bem louca ;
 que um beijinho é cousa pouca,
já um poeta escreveu.

II

Porque consentes, então,
 que eu te jure o meu amor,
 que eu aspire o teu odor
 e te aperte a nivea mão?
 Será um lamento vão,
 ou teu amor um disfarce?
 O rubor sobe-te á face
 sem qu'eu n'ella os labios ponha ;
 anda, não tenhas vergonha,
um beijo pede-se e dá-se.

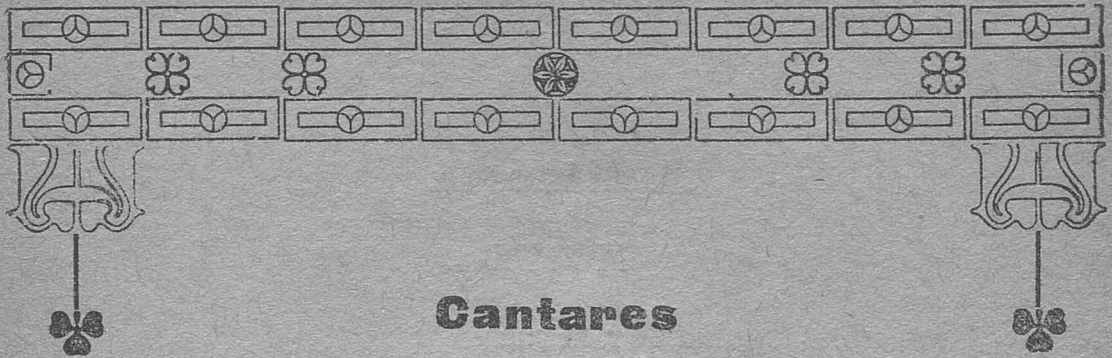
III

Porque receias, formosa,
 d'aquell' que tanto te adora,
 e só porque um beijo implora,
 'stás, assim, tão receiosa?
 Não temas, ó mariposa,
 que nos braços de Morpheu
 ás estrellas lá do ceu
 vá dizer que te beijei ;
 e nem tão pouco direi :
 —*Houve alguém que m'o não deu.*

IV

Assim disse eu á mulher
 que tanto adorei na vida,
 que, por mim, foi sempre qu'rida
 e tanto me fez soffrer.
 Não quiz um beijo ceder
 por mais que lh'o implorasse ;
 mas, como só desejasse
 o beijal-a ardentemente,
 negou-me o beijo asp'ramente
 e fez com que eu lh'o roubasse.

ARTHUR ARRIEGAS.



Cantares

Sino, coração d'aldeia ;
coração, sino da gente ;
um a sentir quando bate,
outro a bater quando sente.

CORREIA D'OLIVEIRA.

Dorme e sonha, minha bella...
como chora, ao longe, o mar !
Cahiu do céu uma estrella,
ai, de mim, que a vi tombar !

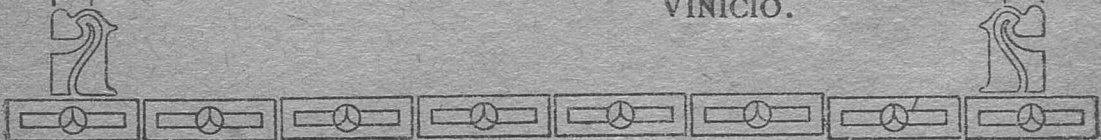
ANTHERO DO QUENTAL.

Esta palavra «saudade»,
aquelle que a inventou,
a primeira vez que a disse
com certeza que chorou.

A. LOPES VIEIRA.

Dei um beijo nos teus labios,
os teus labios me sorriram,
a elles pedi amor
elles, sorrindo, mentiram.

VINICIO.



A Miséria

MOTTE

A' 'squina de rica rua
 'stende a mão fria, funerea,
 uma velhinha andrajosa
 a quem chamam a Miséria.

GLOSAS

I

Em lindo berço, dourado,
 a meninice passou,
 o luxo sempre encontrou
 n'este mundo malfadado.
 Seguindo, então, o seu Fado
 logo o amor n'ella atua
 e uma noite, á luz da lua,
 teve o lar d'abandonar,
 tendo o amante a esp'rar
 á 'squina de rica rua.

II

Passada a lua de mel
 o amor se foi esfriando,
 a sua vida tornando
 em amarguroso fel.
 Um dia, sem aranzel,
 e sob a cupula etherea
 o amante, de fronte séria,
 a deixou na flôr da idade;
 por isso hoje, á caridade,
 'stende a mão fria, funerea.

III

Correndo do vicio a 'scala,
 os amantes tendo a rodos,
 o seu corpo dando a todos,
 ás rameiras, pois, s'eguala.
 Já não tem a doce fala
 de quando era mui formosa,
 e a su'alma bondosa
 está muito endurecida;
 já nos parece, na vida,
 uma velhinha andrajosa.

IV

Passa a noite sempre só
 sem um ente ao lado ter,
 o seu desejo é morrer,
 já ninguem de si tem dó.
 'Stá quasi tornada em pó
 n'uma massa deleteria,
 é uma mumia funerea,
 procurando o seu coval
 é um ser vivo, real,
 a quem chamam a Miséria.

Fraqueza

MOTTE

Eu quero morrer por ti
pois minh'alma assim o quer...
eu qu'ria exgotar a vida
no teu regaço, mulher.

GLOSAS

I

Despresas-me? Mas, que importa
que outro affecto hoje tenhas?
Que importa se me desdenhas,
se só ver-te me conforta?
Se minha esp'rança é já morta,
e se p'ra sempre a perdi,
tambem já te possui
eis da lembrança o queixume...
morra, embora, de ciume,
eu quero morrer por ti.

II

«Não faltam mulheres no mundo»,
tu dirás, até aposto;
mas, se é só de ti qu'eu gósto
e não te esqueço um segundo!
O teu olhar furibundo,
e teu rosto rosicler,
não me farão demover
do proposito de amar-te;
sei que não posso olvidar-te
pois minh'alma assim o quer.

III

Julgas que eu sou inconstante
como tu o foste, ingrata?
Não; pois minh'alma retrata
vosso passado brilhante.
Quando eu era teu amante
e tu minha amante qu'rida,
não te lembras, fementida,
apesar dos teus motejos,
no veneno dos teus beijos
eu qu'ria exgotar a vida?

IV

No calix da tua bocca
do mais rescendente odor,
tomar o philtro do Amor
que m'embriaga e treslouca.
E depois,—ó paixão louca!
que tanto me faz soffrer
e não me deixa, sequer,
ter um momento contente,
qu'ria morrer, lentamente,
no teu regaço, mulher!

Artificios

MOTTE

Aborreço os artificios
que vós, ó mulheres, usaes ;
os dotes da Natureza
têm mais valor, muito mais.

A. RIBEIRO.

GLOSAS

I

Não julgues que me enfeitiças
com esses labios rosados,
pois bem sei que são pintados
no tempo que desperdiças.
Tuas ancas são postiças
e teus olhos dão indicios
de soffrerem beneficios
d'uma soberba pintura ;
não me serve essa impostura,
aborreço os artificios !

II

Esse teu cabello de ouro
não me vem enebriar,
bem sei que o sabes pintar
pois gostas d'elle assim louro.
Teus seios são um *thesouro*...
que fórmas tão divinaes !
Mas, quando despir-te vaes
caem-te aos pés os postiços ;
p'ra que servem taes *enguiços*
que vós, ó mulheres, usaes ?

III

Esse rosto côr de rosa
toda a falsidade ostenta,
por ter a côr macillenta
e a cutis nada mimosa.
Ha quem te julgue formosa,
quem te adore com firmeza,
quem cante tua *belleza*,
mas a mim não me fascina,
mulher que assim assassina
os dotes da Natureza.

IV

O' camponia doce e bella,
que tanta candura encerras,
foi o perfume das serras
que te tornou tão singela.
E's a rutilante estrella
que brilha lá nos trigaes !
Até os proprios pardaes
nos dizem entre gorgeios :
Que teu rosto, que teus seios
têm mais valor, muito mais !

ARTHUR ARRIEGAS.

O capital

MOTTE

De que nos serve o burguez,
com todo o seu capital?
Se o artista não socorre,
seu dinheiro nada val'.

GLOSAS

I

Quando Deus formou o mundo
fez a raça humana irmã,
não creando, em seu afan,
o burguez, vampiro immundo.
O meu pezar é profundo,
s'encaro por minha vez,
esse medonho revez
que o proletario consome
se todos morrem de fome,
de que nos serve o burguez?

II

A sociedade futura
tem muito que syndicar ;
deve o burguez esmagar
e vingar-se com usura.
Assim evita a tortura
do physico e do moral
mostra o seu valor real
contra o algoz dos operarios ;
supprimam os argentarios,
com todo o seu capital.

III

E' triste ver o artista,
sempre, sempre a trabalhar,
sómente para engordar
o feroz capitalista.
O operario perdê a vista ;
se passa fome concorre
p'rá tuberculose e morre
deixando o rico indiff'rente ;
de que serve essa má gente,
se o artista não socorre?

IV

O rico inda mais quer ser
e por isso vae explorando,
o artista miserando,
que mal ganha p'ra comer.
E se a frente tenta erguer
em uma greve geral,
vae p'rá cadeia ; afinal,
são as leis d'este paiz ;
esmagae quem mal vos quiz,
seu dinheiro nada val'.

A Terra

MOTTE

Não ha nenhuma razão
do senhorio existir ;
a Terra é de todos nós,
tratemos de a dividir

GLOSAS

I

Diz a sagrada escriptura
que foi Deus quem fez o mundo ;
tal ideia não profundo,
p'ra não ter d'ouvir censura.
Mas, vejo com amargura,
da terra farto quinhão,
alguns ser donos e então,
não consigo perceber :
d'uns tudo, outros nada ter,
não ha nenhuma razão.

II

Quem creou os argentarios
essa cáfila avarenta,
que pisa o pobre e o violenta,
usurpando-lhe os salarios?
Os seus pensamentos varios
são de tudo só auferir,
o que querem é extorquir
e nada dever pagar ;
a razão queiram explicar,
do senhorio existir?

III

Se elle edificou um predio
foi sómente p'ra ganhar ;
deve o artista habitar
em pocilga, é seu remedio.
Mas, se um dia 'streito assedio,
lhe põem, berra o algoz,
clamando que seus avós,
lhe deixaram tal herança ;
abatam a rapinança,
a terra é de todos nós !

IV

A vida 'stá pela raza,
mal se ganha p'ra comer,
quanto mais ter por dever
pagar a renda da casa.
Meu peito em magua se abraza
por não poder destruir
este systema, e fruir
da Terra toda a riqueza ;
conquistemol-a á avareza,
tratemos de a dividir.

Velloso da Costa.

Trovador

MOTTE

Ser trovador é ter alma,
ter de tudo compaixão,
ter o delirio do bello
nos braços da solidão.

GLOSAS

I

Quem com mimos e ternura
produz cantos commovidos,
não gosta de ouvir gemidos
formados pela tortura.
Quer de todos a ventura
tenham d'ella ou não a palma
e cantando vê se acalma
muita magua desmedida
que na batalha da vida
ser trovador é ter alma.

II

E' falar com singeleza
das rosas da sepultura
fazer suave a amargura
de quem tem fome e pobreza.
E' n'aquelle que tem tristeza
ver a sorte d'um irmão,
é ao pobre dar a mão
quando o peito lhe arrefece,
ter pesar de quem padece,
ter de tudo compaixão.

III

E' uma ode formosa
venerar profundamente
terra, céu e mar potente,
toda a fôrma grandiosa.
Gosar na selva frondosa,
de gorgeios com disvelo,
sorrir ao campo singelo,
ver a côr das madrugadas
e nas horas inspiradas,
ter o delirio do bello.

IV

Ser trovador delicado
é dar ouvidos á lenda
e a tudo o mais que nos prenda
como o som do triste fado.
E' qu'rer ao sol abrasado
e á lua com devoção,
amar os vermes do chão,
campinas, bosques, ribeiras,
é passar horas inteiras
nos braços da solidão.

A' guerra

MOTTE

Não se acobarda o teutão
vendo em frente os alliados,
tem canhões, balas, dinheiro,
e não lhes faltam soldados.

GLOSAS

I

Guilherme um dia pensou
em ser dono da Europa,
e juntando sua tropa
para França caminhou.
Alberto, porem, obstou
da Germania a invasão,
o kaiser deitou-lhe a mão
e sem algum medo ter
o pygmeu fez per'cer...
não se acobarda o teutão.

II

A Belgica, então, conquista
tornando o povo infeliz,
e caminha p'ra Paris,
o fito que tem em vista.
Com grandes forças se avista,
d'homens fortes, arrojados,
e desprezando cuidados
avança com interpidez
não recua uma só vez,
vendo em frente os alliados.

III

Ferem-se grandes batalhas,
o allemão sae vencedor,
deixa em toda a parte a dor,
arraza tudo as metralhas.
Alberto, porem, ás falhas,
mostra-se grande guerreiro
castigando, justiceiro,
a audacia do invasor,
prova ter muito valor,
tem canhões, balas, dinheiro.

IV

França, Russia, Inglaterra,
Belgica, Servia, tambem,
juntam-se todas, porém,
não dão co' o teutão em terra.
Continua a fera guerra,
parecem lobos 'sfaimados,
em vez d'homens denodados,
deixando o Universo mudo
a Allemanha tem tudo
e não lhe faltam soldados.



Cantares

Eu sonhei, — ó que alegria! —
que era amor o teu respeito.
Mal tinha nascido o dia,
o sonho estava desfeito!

E tambem tu me juraste
ser só minha até á morte,
em seguida abjuraste
e me votaste á cruel sorte.

Foi, por ti, minh'alma f'rida
com o punhal das traições.
Só encontro n'esta vida
falsidades... illusões.

Se vier de novo a sonhar
com este amor tão fremente,
o que desejo é ficar
a dormir eternamente.

MANUEL GONÇALVES.

Um conselho

MOTTE

Ninguém descubra o seu peito
por maior que seja a dôr ;
quem seu peito descobrir,
de si mesmo é traidor.

GLOSAS

I

N'este mundo d'illusões
onde existe a lealdade?
Procurem bem, á vontade,
só veem ruins paixões.
Baixezas, ingratições,
um sonho logo desfeito,
quem viverá satisfeito
seja novo, seja velho?
Aproveitem meu conselho :
—*Ninguém descubra o seu peito.*

II

Temos um dia a franqueza
em qualquer coisa que seja,
e a mentira e a inveja,
vem-nos ferir, com certeza.
Perdeu a alma a nobreza,
esse mimo encantador,
como da roseira a flôr
tão fresca, tão bella e rubra ;
ninguém o peito descubra
por maior que seja a dôr.

III

Alquebrado, emurchecido,
já no ultimo quartel,
conheço bem o que é fel,
que a custo tenho bebido.
Ser por amigos trahido
é para sangue carpir
nunca mais tornar a rir,
posso dizer francamente :
—E' tolo ou inconsciente,
quem seu peito descobrir.

IV

Não deve ser perdoado,
soffra calado o castigo ;
foi de si mesmo inimigo
é assim recompensado.
Agora, fica ensinado,
tem do Destino o furor,
é nescio quem assim fôr,
outra coisa não requer,
diga lá o que disser,
de si mesmo é traidor.

Amor eterno

MOTTE

Amava-te eternamente,
se eterno eu pudesse ser ;
mas, como não sou eterno,
hei-de amar-te até morrer.

GLOSAS

I

Se o teu coração de fada
quizesse juntar ao meu,
subiria até ao céu,
na mais risonha alvorada.
Se fosses a minha amada,
se me amasses docemente,
se eu vivesse em tua mente
que considero suprema,
minh'alma que julgo eterna,
amava-te eternamente.

II

Abençoaria a hora
em que te vi n'este mundo,
teria um viver jocundo
contigo p'la vida fóra.
Este mal que me devora
não me deixará viver
não me importava soffrer
se fosses p'ra mim sincera ;
eterno ser quem me dêra,
se eterno pudesse ser.

III

Aspira o teu perfume
quem me dêra, ó linda flôr,
ouvir-te jurar amôr
sem soltares um queixume.
Tu, qual andorinha implume
precisas calor materno,
eu, qual Satan lá no inferno
queria ser immortal ;
mas como sou um mortal,
mas como não sou eterno.

IV

Levarei com paciencia
a minha cruz ao calvario,
serei um celibatario
sem ter d'esse amor a essencia.
Tu não tens condescendencia,
não me queres pertencer
embora sintas prazer
em não seres a minha diva
hei de amar-te emquanto viva,
hei de amar-te até morrer !

A alma

MOTTE

Alem da campá gelada
a alma humana o que é?
A sciencia diz-nos :—Nada.
—E' Tudo!—diz-nos a Fé.

P...

GLOSAS

I

Perante a Parca terrível
a Vida é qual lamparina,
que coisa alguma illumina
por falta de combustivel.
E', deveras, impossivel
pôr a Morte em debandada,
traidora, cruel, damnada,
a Humanidade persegue
e só descançar consegue
além da campá gelada.

II

Qual juiz que julga um reu
dos crimes que praticou,
ella sempre se mostrou
com seu denso e negro veu.
Que quem morre, vae p'ró ceu
diz o clero com flé,
mas o mais tenro bebé
descrê do que ouve dizer,
porque se está p'ra saber
a alma humana o que é.

III

Depois d'um corpo esfriar,
ninguem se convencerá,
que a vida lhe voltará,
que possa resuscitar!
Poderemos duvidar
d'essa tão grande farçada,
que certa gente comprada
nos préga com som agudo,
pois se o clero nos diz :—Tudo!
A Sciencia diz-nos :—Nada!

IV

Sómente a medica Sciencia
poderá ter mais razão
para dizer sim ou não,
porque encerra sapiencia.
A estupidez e a demencia
não fogem do mesmo pé,
os parvos julgam, até,
que inda hão de ver *outro mundo*
e exclamam com ar profundo :
—E' tudo!—diz-nos a Fé.

Canção do Amor Santo*Da celebre revista «A Princesa Magalona»*

AMBOS

Não ha no mundo,
Oh! Não!
amor como este
do aldeão!

I

ELLE

Nossos destinos,
até á morte ligados,
foram lidos
e jurados
n'essa luz dos olhos teus;
o rouxinol soltava hymnos
n'essa tarde,
ao despique com os sinos,
pousado na cruz de Deus!

AMBOS

Não ha no mundo, etc.

II

ELLA

Esta amizade
que tão grande amor encerra
tem o gume
d'uma serra
a serrar os pinheiraes!
Tem este amor a lealdade
tão profunda
que eu colhi n'uma saudade
irmã gemea dos trigaeis!

AMBOS

Não ha no mundo, etc.

III

ELLE

E' lá no monte
que o luar na sua alvura
lembra a côr
d'esta ventura
muito humilde e sacrosanta
e sonhador, á meiga fonte,
pede um beijo
p'ra o depôr na tua frente,
camponeza linda e santa.

AMBOS

Não ha no mundo, etc.

IV

ELLA

A viva chamma
que nos queima o coração
tem o nome
de paixão;
é o fogo da amizade,
ó cotovia, deixa a rama
dos salgueiros,
vae dizer como se chama
aos namoros da cidade.

Lino Ferreira.

Devaneio

MOTTE

Alveja ao clarão da Lua
 Branca aldeia adormecida,
 No agudo campanario
 Vela a cruz da sua ermida.

GLOSAS

I

Lá no cume da collina,
 No cimo do arvoredó,
 D'entre o seio do rochedo
 Surge fronte crystallina.
 Na verdejante campina,
 Despeja corrente sua,
 E a meiga aldeia recua
 P'ra lhe dar livre passagem.
 E' bello quando a paisagem
Alveja ao clarão da Lua.

II

Quantas delicias d'Amor
 Debaixo d'aquelles tectos.
 Que meigos, puros affectos
 Entre desejo e pudôr.
 Seu aspecto seductor,
 Encobre a amorosa lida,
 Entre a verdura escondida,
 Quem passa e olha p'ra ti,
 Julga que vê, como eu vi
Branca aldeia adormecida.

III

A doce melancholia
 Que ali nos prende a scismar,
 O rouxinol vem juntar
 Os seus hymnos de melodia.
 E' cheio de poesia
 Seu canto de estylo vario,
 Mais ao longe solitario,
 Carpindo a magua que sente,
 Pia o môcho, tristemente,
No agudo campanario.

IV

Além, cercado de flôres,
 No sitio mais elevado,
 E' o recinto sagrado
 Da santa virgem das dôres,
 Descançae, trabalhadores,
 Dormi a noite seguida,
 Que a virgem nunca se olvida
 Das preces que lhes fazeis,
 E emquanto adormeceis
Vela a cruz da sua ermida.

A' marinha

MOTTE

Salvé, armada briosa,
brilhante corporação,
és esteio altivo e forte
da nossa querida nação!

GLOSAS

I

Tem renome o marinheiro
n'este bello Portugal,
de seguir o seu phanal,
audaz, valente, guerreiro.
Vendo p'rigo, é o primeiro,
com su'alma valorosa,
de, n'uma lucta furiosa,
batalhar até morrer,
p'ra gostoso ouvir dizer:
— *Salvé, armada briosa!*

II

Do mundo descobridor,
caminhando sempre ávante,
foi temido no Levante,
ao mouro causava horror.
Conquistando, com valor,
p'rá c'rôa novo florão,
queria ter o galardão
d'enriquecer seu paiz;
tem a Patria bem feliz,
brilhante corporação.

III

Mas, um dia, com fereza,
o marinheiro que é bravo,
não qu'rendo ser mais escravo,
expulsou a realeza.
D'esta terra portugueza,
e seguindo um novo norte,
correu com toda a cohorte,
que ha seculos o opprimia...
és da nação ufania,
és esteio altivo e forte.

IV

Na Rotunda, iracundo,
o inimigo dizimando,
e no mar bombardeando
uma lição deu ao mundo.
Foi seu gesto tão profundo
que vingou a revol'ção,
e o povo, correndo então,
a secundar seu anceio
mostrou que a marinha é esteio
da nossa querida nação.

A uma ingrata

MOTTE

Já se quebraram os laços
 com que preso me tiveste,
 tomaste novos amores,
 foi favor que me fizeste.

GLOSAS

I

Vae-te ingrata, vae-te infame,
 fera cruel mais que as feras
 se ainda procurar esperas
 quem peor nome te chame.
 Procura quem melhor te ame,
 que eu já não sigo os teus passos,
 vae descansar n'outros braços,
 vae persistir na traição,
 da nossa antiga união
já se quebraram os laços.

II

Vae co'a tua falsidade,
 essa que tens por officio,
 servir-me de beneficio
 p'ra me dar a liberdade.
 Não te obriguei a vontade
 do agrado que me tiveste,
 já que agora quizeste
 quebrar d'amor a prisão,
 eu, tambem, quebro o grillhão
com que preso me tiveste.

III

Eu queria-te perguntar,
 para ouvir o que respondes,
 se é assim que correspondeste
 ao meu grande, extremo amar.
 Nunca soube violentar,
 respeitei os teus favores,
 com grandes p'rigos d'amores
 eu, por te amar, me sujeito ;
 diz-me só porque respeito
tomaste novos amores.

IV

Se te quizeres defender,
 é bem que depressa fales ;
 o melhor é que te cales,
 nada tens a responder.
 Só o que pódés dizer
 que de mim t'aborrecestes,
 nenhuma rasão tiveste
 mas eu já 'stou libertado.
 Fico-te muito obrigado,
foi favor que me fizeste.



A tua mão

(Modinha brasileira)

E' tua mão um luzeiro
de idéal melancholia,
que nos lembra a luz doentia
do luar n'um jasmineiro !

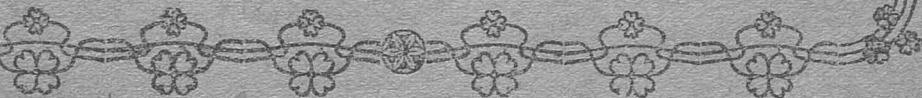
E' o coração adorado
de Jesus, em lausperenne !
O licor crystallizado
de Castalia e de Hippocrene !

E' flôr tão branca e tão leve,
que a nossa dor engrinalda,
com cinco pet'las de neve,
onde corre uma esmeralda !

Phanal que a Deus nos conduz
em ascensão luminosa !...
Berço em que morreu Jesus !...
Mão da Virgem Dolorosa !

De essências sagrado mixto !
Mão gloriosa, peregrina !!...
Foste chorada por Christo !!...
Lagrima ardente e divina !!!...

Catullo da Paixão Cearense.



Os teus olhos

MOTTE

Deus collocou-te no rosto
dois brilhantes luminosos,
não existem n'este mundo
outros olhos tão formosos.

GLOSAS

I

Esmerou-se o Creador,
que faz tudo quanto quer,
em adornar-te, mulher,
ó ente fascinador !
Deu-te um condão seductor
fonte perenne de gosto
e depois de ter disposto
d'esse modo a obra sua,
dois bellos raios de lua
Deus collocou-te no rosto.

II

Fez-te linda, primorosa,
por isso as almas captivas
e foi dar-te ás faces vivas
a côr vermelha da rosa.
Toda aerea, vaporosa,
fala d'encantos, maviosos,
n'esses momentos ditosos
tão bonita te fez Deus
que vimos nos olhos teus
dois brilhantes luminosos.

III

Pode orgulhar-se deveras
de ter feito um tal primor,
tu inspiras o amor
até mesmo ás proprias feras.
Das almas frias, austeras,
que sentem tédio profundo
tu penetravas no fundo
brandindo o sceptro d'amores ;
que olhos mais fascinadores
não existem n'este mundo.

IV

Tens não sei quê, feiticeira,
umas artes de magia,
todo o teu ser enebria
domina nossa alma inteira.
E's rainha verdadeira
com sceptro dos mais poderosos,
vences peitos orgulhosos,
e fazes a todos crer
que não ha nem pode haver
outros olhos tão formosos.

Aos revolucionarios

MOTTE

A Republica mui deve
a esses bravos operarios,
que deixaram 'sposa e filhos
só p'ra ser revolucionarios.

GLOSAS

I

Ao grito de liberdade
dado na Feira d'Agosto,
tudo correu ao seu posto,
na melhor fraternidade.
Pugnando p'la Egualdade,
seu valor não se descreve
n'uma cantiga tão breve,
mas sim em largos artigos;
a essa horda de amigos
a Republica mui deve.

II

Escravos d'um Ideal,
promptos sempre a combater,
pensando em engrandecer
o seu querido Portugal.
Com um ardor sem igual
correram co'os salafrarios,
'smagaram os argentarios,
n'uma bemdita romagem;
vá, um preito d'homenagem
a esses bravos operarios.

III

Na Rotunda, com valor,
sem receio ter á tropa,
mostraram á velha Europa
quanto vale o seu ardor.
Tendo á Republica amôr,
e seguindo novos trilhos
venceram, com grandes brilhos,
do rei os seus partidarios;
honrae, pois, os proletarios
que deixaram 'sposa e filhos.

IV

A monarchia morreu
n'este abençoado sólo,
e o paiz, de polo a polo,
assim logo o concebeu.
A Republica venceu
devido aos esforços varios
d'esses homens temerarios,
que o mundo deixaram mudo,
e abandonaram tudo
só p'ra ser revolucionarios.

Ouro, prata, cobre e lata

MOTTE

As solteiriñas são de ouro,
as casadas são de prata,
as viúvas são de cobre,
as outras... são todas lata.

GLOSAS

I

Toda a mulher, em geral,
desde a mais bella e prendada,
pode bem ser comparada
a um pedaço de metal.
Creio não comparar mal
as virgens com um thesouro,
quer tenham cabelo louro,
castanho, preto, ou vermelho,
eu direi até ser velho :
— *As solteiras são de ouro !*

II

Mas quando vem lá de França
um petiz n'uma cestinha,
depressa a mulher definha
com cuidados na creança.
N'uma rapida mudança
a belleza, que é ingrata,
foge da mãe, que se mata
a trabalhar pelo filho ;
perdendo parte do brilho
as casadas são de prata.

III

Quando lhes morre o marido
logo de preto se vestem,
como se as côres attestem
que o fallecido era qu'rido.
Fazem enorme alarido,
mas em seu peito se encobre
um sentir que não é nobre
porque não é verdadeiro ;
como a estatua do Terreiro,
as viúvas são de cobre.

IV

Mas, se a mulher, em solteira,
tem maldita condição,
caminha p'rá perdição
n'uma constante cegueira.
Descendo á baixa rameira,
do prazer não se recata,
o negro vicio a arrebatá,
anda, na vida, aos baldões ;
p'ra dizer, tenho razões :
as outras... são todas lata !

ARTHUR ARRIEGAS.

A varina vae ao Conde...

(IMITAÇÃO)

(Da applaudidissima revista O Novo Mundo)

I

VARINA

Já não póde uma mulher
 cá em Lisboa
 p'las ruas esparecer,
 andar á tóa,
 sem que se mettam com ella.
 Por minha fé!
 gósto de dar á canella
 saricoté!
 saricotá!
 saracotear-me; emfim,
 se fui ao conde melhor
 o proveito foi p'ra mim.

CÔRO

Saracotear-se; emfim, etc.

II

VARINA

Não é nada é tudo isto
 que 'stão vendo...
 se acaso me visse o Christo...
 eu cá m'entendo!
 Com certeza o Padre Eterno
 me mandava p'ró inferno

ai! salvo seja!

saricoté!

saricotá! meu amor,
 cada qual trata da vida
 fui ao conde, sim, senhor!

CÔRO

Saricotá, meu amor, etc.

III

VARINA

Quem ao vêr o meu gagé,
 saricotá!
 um febrão não sente já,
 saricoté!
 chamou-me o conde, por isso,
 ao seu solar
 e gostou do meu serviço
 p'ra variar!
 Saricoté!
 sou condessa, por momentos,
 ninguem s'importe que eu vá
 lá ganhar os meus proventos.

CÔRO

Saricoté!
 Saricotá, meu amôr, etc.



A Morte

MOTTE

A morte nada respeita,
tudo á campa vae findar ;
o rico vae p'ró jazigo,
'té no fim quer figurar.

GLOSAS

I

Quem se rala n'este mundo
só mostra mui tolo ser,
não val' a pena, a meu ver,
mostrar um ar iracundo.
Vem negro pesar, profundo,
é nossa vida desfeita,
e nunca mais se endireita
'té a Parca o precipita ;
nada respeita a maldita,
a morte nada respeita.

II

Desprezar o miseravel
por ter nascido do nada,
é acção má, condemnada,
p'la justiça inexoravel.
Não deve ser implacavel
o pobre pode ajudar,
sua fome mitigar
não é nenhuma baixeza,
de que serve honras, riqueza?
Tudo á campa vae findar.

III

O campo da Egualdade
ha quem chame a um cemiterio,
quem o afirma é pouco serio,
pois vejo não ser verdade.
Ali, só ha paridade
para aquell' que tem amigo,
vae para a valla o mendigo
para 'star longe do nobre,
para a cova vae o pobre,
o rico vae p'ró jazigo.

IV

Se a morte é equalitaria
para que ha tal distincção?
Vá o rico sem 'stadão
para a campa funeraria.
A natureza é mui vária
em tudo quer caprichar,
e aos indigentes mostrar
da fortuna a sua côrte ;
o rico, é rico na morte,
'té no fim quer figurar.

Só a Justina é que não!

MOTTE

Só a Justina é que não!
 Só a Justina é que não!
 Só a Justina é que não!
 Só a Justina é que não!

GLOSAS

I

Justina tem tres irmãs
 que são deveras formosas,
 elegantes, donairosas,
 rosadas como romãs.
 São bellas, se vestem lãs,
 percal, seda ou algodão,
 sempre mostram distincção
 muito embora vistam chitas,
 todas são muito bonitas,
só a Justina é que não!

II

Amigas de namorar
 eram as ditas beldades,
 não tinham difficuldades
 em um namoro arranjar.
 Quem as ouvia falar,
 sentia tal sensação,
 que até perdia a razão
 ouvindo seus phraseados;
 todas tinham namorados,
só a Justina é que não!

III

Iam aos bailes do Gremio,
 onde vae gente de tom,
 entravam no *cotillon*,
 dansavam a valsa a premio.
 O professor Dieufemio
 ensinava-lhes, no v'ção,
 pianinho e rabeção,
 que tocavam afinadas,
 mas eram desmaseladas,
só a Justina é que não!

IV

Uma casou com o Mello,
 outra com o Sousa Pinho,
 outra com o Joãozinho,
 que as tratavam com disvelo.
 Mas, vendo tal desmaselo
 o Mello, o Sousa e o João,
 com ellas fazem questão
 e até lhes dão chibatada;
 todas levam bordoada,
só a Justina é que não!



Canção cearense

Meu coração olvidado,
de crêr em ti já cansado,
é uma flôr
que murchou,
um astro que se apagou...
Tem muito fel derramado,
mas nunca te olvidou.

A minha doce amargura,
amarga, mas inda é pura,
que amar é mesmo sofrer !
Em minha dôr, que perdura,
não te hei de esquecer.

Meus ternos ais, meus quebrantos
são as corolas dos cantos
que esmaltam meu coração
que esmaltam meu coração,
se levo a historia dos prantos
no altar da Ingratidão.

Eu te amo, adoro e venero !...
E' mesmo assim que eu te quero !..
E nada espero de ti !...
Mais nada espero de ti...
E' o maior bem que eu espero
sofrer mais que sofri.

Dilemma...

MOTTE

Ha duas coisas no mundo
que eu não posso comprehender :
é o ser padre e peccar,
ser cirurgião e morrer.

GLOSAS

I

Eu tenho, de preferencia,
para ser ellucidado,
varios livros consultado
de luminares da sciencia.
Mas como d'intelligencia
francamente não abundo,
embora já lêsse, a fundo,
algumas obras selectas,
para mim, pouco concretas,
ha duas coisas no mundo.

II

Na fé d'abrir os meus labios,
de maneira a não errar,
até já fui consultar
os mais velhos alfarrabios.
Como á pleiade dos sabios
não me é dado pertencer,
vou, francamente, dizer
aos meus illustres ouvintes,
as duas coisas seguintes,
que eu não posso comprehender.

III

Não concebo em minha mente
que um medico abalisado,
tendo aos outros receitado,
recolha á cama doente.
Sendo assim, creio que mente
a quem o vae consultar ;
se é caso para estranhar
e um tanto edificante,
não menos extravagante
é o ser padre e peccar.

IV

Eu não sei porque motivo
o padre pecca tambem,
se elle garante que tem
p'rós peccados lenitivo.
N'esta incerteza vivo
e não consigo saber
se ao padre é justo incorrer
nas penas do Purgatorio,
se é ou não irrisorio,
ser cirurgião e morrer!

João Soares (Peixinho).

Saudade

MOTTE

Esta palavra *Saudade*
aquelle que a inventou
a primeira vez que a disse
com certeza que chorou.

AFFONSO LOPES VIEIRA.

GLOSAS

I

Não ha nada que me dobre
á compaixão mais humana
do que *Sorôr Mariana*,
do que o *Só*, de Antonio Nobre.
Como o soluço d'um dobre
á noite na soledade
ninho de sonho e piedade,
de misticismo e tristeza,
na linda voz portugueza
esta palavra «Saudade».

II

Quantas vezes ao sol pôr,
—ó freira das tranças fartas!—
leio e releio essas Cartas
Santas, que escreveu o amôr.
Cada grito, cada dôr
da paixão que se sagrou,
e cada ai, que sufocou
teu coração, com maldade,
lembra a palavra *saudade*
aquelle que a inventou.

III

N'uma balada real
sôa essa voz crystalina
mais triste do que a nebelina
sob o ceu de Portugal.
Quando volvo ao ideal
dos sonhos da meninice,
se esse tempo me sorrisse
trinasse, como eu trinava,
aí, *saudade!* eu não chorava
a primeira vez que a disse.

IV

A saudade é como o espinho
de goso no coração,
e o amargo da illusão,
um cardo sobre o arminho.
Serpente que vem ao ninho
cujo frouxel amimou
a avesinha, que cantou
o sol, a vida, a belleza,
quem lhe deu tanta trîsteza
com certeza que chorou.

Abaixo a guerra !...

MOTTE

Abaixo a guerra maldita !
 Acabe-se a tyrannia !
 O povo já não é 'scravo,
 pois tem carta d'alforria.

GLOSAS

I

Uma aguia quiz voar
 mais alto do que podia
 sobre um monte, moradia,
 d'um carneiro secular.
 Um borrego ao vêr poisar
 essa ave adunca, precita
 sobre ella se precipita
 em defesa do carneiro,
 gritando féro, altaneiro :
abaixo a guerra maldita !

II

Com a garra adunca em guarda
 a aguia formava o pulo,
 mas logo o borrego fulo,
 a sua investida aguarda.
 A ave a fereza *alarda*,
 e qual horrorosa harpia
 quer devorar n'um só dia
 juntos borrego e carneiro,
 que gritam em tom guerreiro :
—Acabe-se a tyrannia !

III

Do borrego a resistencia
 tenaz, até á bravura,
 fez-lhe pagar com usura
 os excessos da demencia.
 Ella perdendo a paciencia
 quer exterminar esse bravo
 mas este, n'um leve travo,
 faz o abutre recuar,
 p'ra que possa avaliar,
o povo já não é 'scravo.

IV

O borrego é conhecido,
 a Belgica synthetisa,
 a aguia que a escravisa
 é o kaiser destemido.
 O carneiro aguerrido
 é a França e seu Meio-Dia,
 que batendo a autocracia,
 segue assim um ideal novo ;
 já não é escravo o povo,
pois tem carta d'alforria.

Conselho

MOTTE

Não zombes da prostituta,
ó meiga e feliz donzella ;
que ella já foi como tu,
tu pódes ser como ella.

GLOSAS

I

Tu és joven e formosa,
mas sorrís com ironia
da mulher que, todavia,
como tu foi virtuosa.
Tambem ella era ditosa,
bella, activa e resoluta.
Não desdenhes a corrupta,
escuta bem meu aviso
e modera o teu sorriso,
não zombes da prostituta.

II

Não lhe encontras mer'cimento?
Pois teve-o já no passado ;
hoje seu rosto pintado
só traduz o soffrimento.
E' um constante tormento
o lembrar-se que foi bella
virgem tão casta e singela
como tu, exactamente ;
portanto sê indulgente,
ó meiga e feliz donzella.

III

Como tu já teve mãe,
que muito a amava e lhe qu'ria,
como tu ella sorria
com altivez e desdem ;
torvo destino, porém,
do modo mais fero e crú,
transformou esse *bijou*
na mais baixa creatura.
Repara, pois, se és pura,
que ella já foi como tu.

IV

Foi por todos adorada,
qual outro anjo divino,
e os caprichos do Destino
fizeram-na desgraçada.
Hoje soffre angustiada,
e a morte sómente anhella.
Eis o reverso da tela,
a que a sorte nos arrasta :
—como tu ella foi casta,
tu pódes ser como ella.



Canção do Ribatejo

I

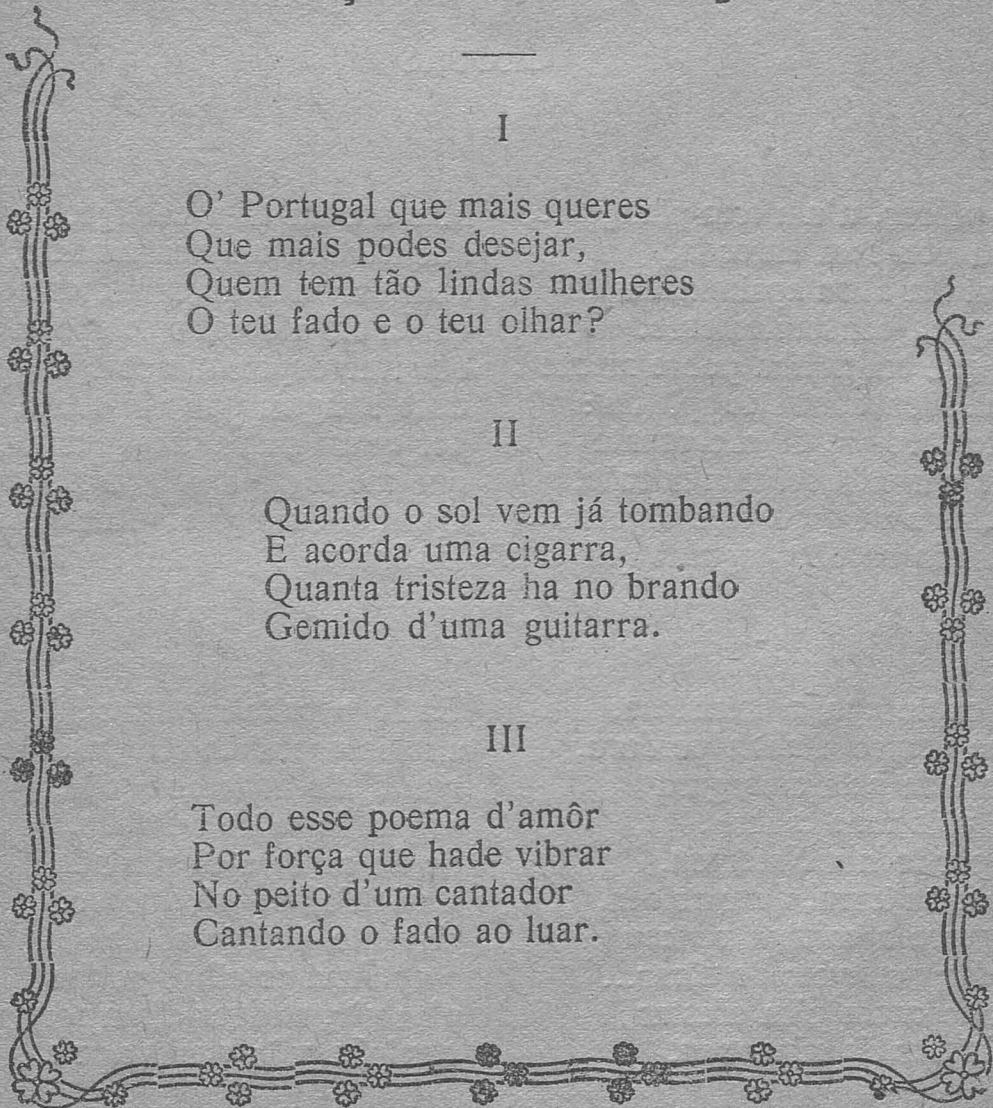
O' Portugal que mais queres
Que mais podes desejar,
Quem tem tão lindas mulheres
O teu fado e o teu olhar?

II

Quando o sol vem já tombando
E acorda uma cigarra,
Quanta tristeza ha no brando
Gemido d'uma guitarra.

III

Todo esse poema d'amôr
Por força que hade vibrar
No peito d'um cantador
Cantando o fado ao luar.



Quem canta...

MOTTE

Quando eu oiço alguém que canta
tristezas do viver seu,
lembra-me logo uma santa :
a minha mãe que morreu.

GLOSAS

I

Ao vibrar, n'um tom plangente,
uma voz bem entoada,
a minha alma apaixonada
suspira, constantemente.
E' que em minha pobre mente
uma idéa outras supplanta :
—lembro-me da sacrosanta
que em vida foi minha mãe,
e choro quando oiço alguém...
quando eu oiço alguém que canta.

II

O canto apaga a tristeza,
que dentro d'alma perdura,
mantida pela amargura
da vida toda crueza.
E por toda a Natureza,
quer na terra, quer no ceu,
sempre a cantiga venceu
a dôr que quer dominar...
Tudo canta p'ra afastar
tristezas do viver seu.

III

Mas a mim uma cantiga,
que traduza um pensamento,
vem dar vida ao sentimento
que n'alma occulto se abriga ;
e avivar depois me obriga
dôce imagem que me canta,
por quem nutro magua tanta,
que me fôrça a soluçar...
Quando eu oiço alguém cantar,
lembra-me logo uma santa.

IV

Então o peito me invade
a mais profunda e negra dôr,
que d'ella anda ao redôr,
sob a fôrma de saudade.
Se do canto a sã piedade
a minh'alma estremeceu,
alevanto o rosto ao ceu
e no Azul os olhos ponho
p'ra vêr, atravez d'um sonho,
a minha mãe que morreu.

BENTO FARIA.

A conflagração

MOTTE

Por causa d'um attentado
a Europa está em guerra ;
quando morre o filho ao pobre,
ninguem se mexe na terra.

GLOSAS

I

Em Saravejo, um 'studante,
por perconceitos de raça,
matou a tiros, na praça,
um principe militante.
Não 'scapou a 'sposa amante
á sanha do tresloucado,
qu'ia sendo victimado
p'la turba-multa aguerrida,
que se tornava homicida
por causa d'um attentado.

II

Francisco José, raivando,
sem reflectir no mau trilho,
p'rá morte vingar do filho,
a guerra foi declarando.
A Servia tal acceitando
quiz mostrar-lhe o quanto erra,
e indomita a unha ferra
no velho, austriaco solo,
por isso de polo a polo,
a Europa está em guerra.

III

O Montenegro secunda
a Servia no seu intento,
e eis ambas, n'um momento,
n'uma guerra assás profunda.
A Austria breve se afunda
pois a Russia se descobre
n'uma guerra leal, nobre,
a atacou iracundo ;
não se faz caso, no mundo,
quando morre o filho ao pobre

IV

Que culpa tem a nação
da tolice do monarcha,
para, sem mais, dar á Parca
os filhos e o coração?
O que faz a revol'ção
ao seu throno mais se aferra,
o luto, a peste, o aterra,
mas nenhum mal o consome ;
que morra o povo de fome !
ninguem se mexe na terra.

Contrastes

MOTTE

As tabernas estão em festa
roletas, casas de passe,
luctam para se manter
as associações de classe.

GLOSAS

I

A miseria, infelizmente,
alastra de dia a dia,
par'cendo uma epidemia
terrível e persistente.
O povo, sempre indiff'rente,
soffre e não se manifesta,
duvida alguma já resta
que a crise é assustadora;
no entanto, a toda a hora,
as tabernas 'stão em festa.

II

Famintas, sem protecção,
creanças esfarrapadas,
praticam pelas escadas
scenas de depravação.
Como tal degradação
fosse pouca e não bastasse,
sem que ainda alguém tentasse
punir um tal espectáculo,
funcionam, sem obstaculo,
roletas, casas de passe.

III

N'esses antros de miseria,
torpemente tolerados,
deixam muitos desgraçados
os parques cobres da féria.
A situação é bem séria!
Comtudo, reina o prazer,
no entanto é bom dizer
que em precarias condições,
mais nobres instituições
luctam para se manter.

IV

N'um paiz que vive afflicto,
com fome por varios pontos,
contracta-se por tres contos
o cel'bre espada *Gallito*.
Que ha fome, disse, e repito,
embora não agradasse,
como se o paiz nadasse
n'um perfeito mar de flores,
esquecem os productores
as associações de classe.

João Soares.

Perfume

MOTTE

Lançada a semente á terra
nasce o botão seductor...
Desabrocha perfumada
a mais pura e casta flôr.

GLOSAS

I

Da terra a fertilidade
é como o ventre da mãe,
por isso que em si contém
o dom da maternidade.
Assim como a virgindade
que a mulher em si encerra,
quando o homem lhe descerra
o véu que a Natura fez,
é fatal a gravidez
lançada a semente á terra.

II

Então, quem a cultivou
é justo que amor concentre
para os progressos do ventre
que também fertilizou.
A semente que lançou
avulta no interior ...
Rebentando com ardor,
dá-se o maternal contraste!
E é então que preso á haste
nasce o botão seductor.

III

Como um pae, o jardineiro,
prodigaliza carinho;
vae regando o botãosinho
que nasce lindo e fagueiro.
Então o sol altaneiro
doira a terra mãe, amada,
que assim tão vivificada
transforma o botão em rosa...
que crescendo magestosa,
desabrocha perfumada!

IV

E' assim, que, exactamente
carinho e amor requer
para se tornar mulher,
a creança sorridente!
Creado no seio quente
do santo e materno amôr,
cresce o anjo encantador
que se torna mulher bella!...
Por que é, emfim, a donzella
a mais pura e casta flor!

A queda da aguia

MOTTE

Voou tão alto o teutão
no seu sonho usurpador,
que a queda foi formidavel
morrendo de fome e dôr.

GLOSAS

I

A Allemanha, vingativa,
mobilisou sua tropa
para dar cabo da Europa
e tornal-la bem captiva.
Em uma batalha activa,
declarada sem ração,
quer deitar á França a mão
n'uma lucta féra, brava,
e para a tornar escrava,
voou tão alto o teutão.

II

Mas a Belgica não quiz
secundar um acto tal
e deixou de ser neutral
p'ra defender seu paiz.
O kaiser esmagar quiz
este povo de valor,
da guerra, com seu horror,
tremenda calamidade,
não viu a realidade,
no seu sonho usurpador.

III

Não se importando co'a vida
dos seus subditos leaes,
os transforma em vis chacaes
na feroz arremettida.
Com sua mão homicida
a morte deu execravel,
em lucta a mais miseravel,
a um povo tão humano ;
quiz tão alto voar, ufano,
que a queda foi formidavel.

IV

Contra si voltou o mundo,
todos condenam seu acto,
mostra bem que não tem tacto,
mas egoismo profundo.
Não tem nada de facundo,
só quer 'spalhar o terror,
o luto, a fome, o horror,
n'um formidavel ataque ;
deve ser tremendo o baque,
morrendo de fome e dôr.

Velloso da Costa.



Nã fonte...

(BALADA CAMPESINA)

Musica do maestro **Hugo Vidal**

Quem fôr uma vez beber
 á fonte do Bom-humor,
 nunca mais deixa de ser
 firme e leal no amor.

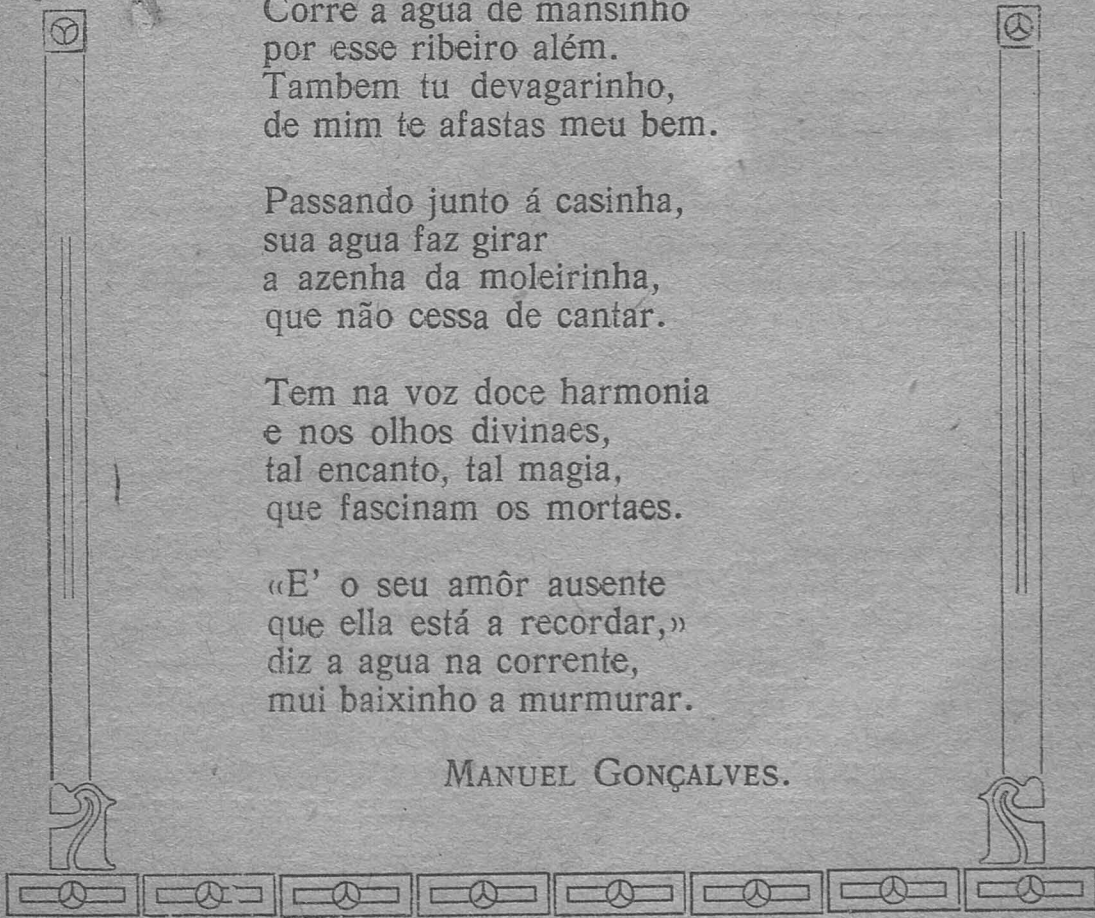
Corre a agua de mansinho
 por esse ribeiro além.
 Tambem tu devagarinho,
 de mim te afastas meu bem.

Passando junto á casinha,
 sua agua faz girar
 a azenha da moleirinha,
 que não cessa de cantar.

Tem na voz doce harmonia
 e nos olhos divinaes,
 tal encanto, tal magia,
 que fascinam os mortaes.

«E' o seu amôr ausente
 que ella está a recordar,»
 diz a agua na corrente,
 mui baixinho a murmurar.

MANUEL GONÇALVES.



Belleza

MOTTE

As tuas faces formosas
tomam a côr nacarada
das papoilas e das rosas
e o frescor da madrugada.

DELFIN GUIMARÃES.

GLOSAS

I

Os teus lábios de carmin
são o cofre dos meus beijos,
manancial de desejos
e de caricias sem fim!
Os teus dentes de marfim
são perolas preciosas...
Como açucenas mimosas
que a pureza nos ensinam,
e os sorrisos illuminam
as tuas faces formosas.

II

Como espumante Champagne,
assim tu és capitosa...
e tua carne viçosa
tem aroma e *peau d'Espagne!*
Permitte, pois, que me empenhe
em cantar a perfumada
belleza, fresca e risada
que essas faces symbolisam
E, quando se ruborisam,
tomam a côr nacarada.

III

As tuas tranças brilhantes
teem, da Noite, o fulgor
onde brilha a estrella-Amor
que é a Venus dos amantes!
Tuas fôrmas elegantes
teem curvas deliciosas...
As linhas mais graciosas
da tua bocca são 'spelho
onde brilha o tom vermelho.
das papoilas e das rosas.

IV

Não quero lisongear-te,
mas posso dizer ufano
que o pincel de Ticiano
pintava com menos arte!
Ah! quem pudera cantar-te
em poesia rendilhada...
Mulher, estatua ou fada,
esphinge, demonio ou anjo!
Tens a graça d'um archanjo
e o frescor da madrugada.

A mulher formosa

MOTTE

A mulher com formosura
 não devia de nascer,
 é como a fructa madura :
 Todos a querem comer.

GLOSAS

I

N'este motte, seu auctor,
 em que expõe um pensamento,
 prova que foi ciumento,
 ou foi victima do amôr ;
 pois não oculta o horror
 pela bella creatura :
 e, não temendo a censura,
 em versos se manifesta,
 affirmando que detesta,
a mulher com formosura.

II

Mostra ser um revoltado
 contra as leis da natureza,
 menospresando a belleza
 d'um ser aperfeçoado.
 N'este assunto delicado
 apresento meu parecer
 p'ra, francamente, dizer
 na minha canção singella :
 Quem não ama a mulher bella
não devia de nascer.

III

Uma vez que foi formada
 n'um mundo tão imperfeito,
 se possue algum defeito,
 não é só ella a culpada.
 E' justo que seja amada,
 pois são ordens da natura ;
 mas se teem mimo e candura
 e não soffrem desenganos
 quando tem dezoito annos,
é como a fructa madura.

IV

Como eu ha muitos mais,
 que soffrem da gulodice
 e julgam não ser tolice
 a mulher, em casos taes.
 Seus encantos divinaes
 fazem-nos entontecer ;
 e, apezar d'ella nos sêr
 por parte d'Eva uma irmã,
 vermelha, tal a romã,
todós a querem comer.

Viva a Belgica!

MOTTE

Os belgas são uns valentes
assim o dirá a Historia.

Os allemães atrazaram
no seu caminho da Gloria.

GLOSAS

I

Ao lado da França existe
um reino mui pequenino,
cujo rei, com muito tino,
em tornal-o grande insiste.
A paz ali subsiste
sendo todos muito crentes,
animosos e tementes,
são um exemplo na terra,
quer na paz ou quer na guerra
os belgas são uns valentes.

II

O rei Alberto primeiro,
educado por seu pae
á raça dos heroes sae,
é um temivel guerreiro.
Este homem tão altaneiro,
sabendo a paz illusoria
para não ter morte ingloria
as tropas mobilisou ;
que seu nome muito honrou,
assim o dirá a Historia.

III

Sendo escrava da amizade
que á sua vísinha a liga,
alliada da França amiga,
rompeu a neutralidade.
Do *Kaiser* a crueldade
os belgas tolher tentaram,
e como leões brigaram
'té perecerem na lucta ;
energica e resoluta,
os allemães atrazaram.

IV

Guilherme nunca pensou
que um reino tão vil, mesquinho,
lhe tolheria o caminho,
e guerra lhe declarou.
Alberto as tropas chamou,
contra a bravata irrisoria,
em procura da victoria
tomou da força a vanguarda ;
o seu nome a Historia guarda,
no seu caminho da Gloria.

O Fado

MOTTE

Eu ouvi cantar o Fado
no collo de minha mãe ;
a ama que me creou
cantava o fado, tambem.

GLOSAS

I

Certo dia veiu a morte
e dá commigo em pantanas
larguei-lhe algumas lampanas
mas fui corrido com a sorte.
Foi um assopro tão forte
que fiquei atarantado
e bastante arreliado
só parei no cemiterio
e n'esse campo tão serio
eu ouvi cantar o Fado.

II

Estranhando um caso tal
esperei p'la noite escura
e fóra da sepultura
ouvi um certo signal.
Então a voz sepulchral
d'uma caveira d'alguem
contava a outra, em desdem :
« Stá enganado, o menino,
eu cantava em pequenino,
no cóllo da minha mãe.

III

Depois ouvi dedilhar
as cordas d'uma guitarra
e abrindo grande bocarra
começa o morto a cantar.
Inda vinha a despertar
a hora que me lançou
ao mundo onde ficou
a fama do meu saber ;
já cantando ia entreter
a ama que me creou.

IV

Applausos fortes soaram
por toda aquella ossaria,
já vinha rompendo o dia
quando ás covas se tornaram.
Todos elles despertaram
em mim saudades d'aquem
e apesar de ser ninguem
fugi dentro do lençol,
pois se ficasse no rol
cantava o fado tambem.

O rei dos mares

MOTTE

Neptuno tem seu palacio
no profundo mar atlantico,
onde faz partes de minico,
quando a sereia ergue o cantico.

GLOSAS

I

Já singrei com nobre audacia
as extensas aguas salicas,
lá pelas costas italicas
e, tambem, pela Circacia.
Estudei com perspicacia
as doutrinas de Boccacio,
e n'um velho cartapacio
que ensina a applicar um topico,
sube que no mar cyclopico,
Neptuno tem seu palacio.

II

Este deus do mar atheletico
é de figura phantastica
e na força enthusiastica,
solta o rugido apopletico.
O seu firme olhar magnetico,
não tem nada de romantico,
e para ser necromantico
lá no seu reino pacifico,
fez um theatro magnifico,
no profundo mar atlantico.

III

Representa em coisas tragicas
e differentes scenas comicas,
e com regras economicas,
põe em scena grandes magicas.
Tem mil façanhas plagicas
e passa por bom alchimico,
usa nome patronomico
em coisas d'arte dramatica,
e tem barraca feiratica
onde faz partes de mimico.

IV

Faz mil visagens ridiculas
olhando o ceu estrelifero,
e a nadar no mar aurifero
agita, no ar, as caniculas.
Ao dilatar as auriculas
quer fazer-se aeronantico,
mas o seu rosto pedantico
faz-se muito cadaverico,
e solta um soluço homerico
quando a sereia ergue cantico.

Fado do "31"(Da revista **O 31**)

E' um fado nacional,
 P'ró pagode e p'ró banzé
 Como outro não ha nenhum !
 Tudo bat' em Portugal
 — Olarila, pistaré !—
 O fado do trinta e um.

I

A' porta da Brazileira,
 Dois bicos encontram dois,
 Ficam os quatro e depois,
 Lá começa a chinfrineira.
 Azeda-se a cavaqueira.
 Vae augmentando o zum zum,
 Vem bomba rebenta, pum !
 E agora aqui o vereis ;
 Vinte e quatro e vinte seis,
 Vinte e nove e trinta e um.

II

Um homem que quer *sarilhos*
 Por um motivo qualquer,
 Discute com a mulher
 E dá castanha nos filhos ;
 A tia, nos mesmos trilhos,
 Tambem não fica em jejum,
 E a sogra leva um *fartum*,
 Desata tudo ao biscoito :
 Vinte e quatro e vinte oito,
 Vinte e nove e trinta e um.

III

Mal amanhece os tachados,
 Tomam um copo da rija.
 Bebem licôr da botija,
 E quatro em dois separados.
 Depois assim engraxados,
 P'ra não ficar em jejum,
 Bebem tres copos de rum
 Vae Carcavellos, vae Porto,
 E no fim 'stá tudo *terto*
 E arrebenta o trinta e um.

Fado do "Gelo" e da "Lareira"

(Da revista **Dómino**)

GELO

Todo o goso de viver
Só em calor se resume,
Por isso eu sinto prazer
Em chegar-me ao pé do lume.

LAREIRA

Veja lá no que se mette,
Ponha termo á brincadeira,
Pois se o gelo se derrete
Póde apagar a brazeira.

GELO

Amor de gelo,
Aos pedacinhos,
Quero aquecel-o
Com meus carinhos.

LAREIRA

P'ró meu amor
Descongelar
Basta o calor,
Do teu olhar.

JUNTOS

Venham vêr ! Venham vêr !
Venham vêr tão lindo par !
Pobre gelo a derreter
E a lareira a crepitar.

LAREIRA

Dentro em nossos corações,
Veja bem ao que se atreve,
Desfazem-se as illusões
Mais depressa do que a neve.

GELO

Não se me faça rogada,
Pois é preciso attender,
A sua braza é gelada
E eu tenho o gelo a ferver.

Amor de gelo,
Aos pedacinhos,
Venha aquecel-o
Com meus carinhos.

LAREIRA

P'ró meu amor
Descongelar
Basta o calor
Do seu olhar.

JUNTOS

Venham ver ! Venham ver !
etc.

Suspiros

MOTTE

Surge o suspiro do peito.
dentro d'alma é que nasceu,
cresce, vigora e ascende
dos labios se desprende.

GLOSAS

I

A boca nem tudo exprime,
muito embora diga tudo,
tambem o olhar é mudo
e tem um falar sublime.
Se o peito se nos opprime,
pelo mal que o tem sujeito
não cabe á boca o direito
de bem poder expressal-o,
como expressão do mesmo abalo
surge o suspiro do peito.

II

Diz muito mais quem suspira
fala mais um terno olhar
do que a propria boca a falar,
por mais que a mesma profira.
Se o poeta ao tom da lyra,
ternas canções escreveu,
um suspiro lhes metteu
p'ra lhe dar mais força e calma
que por ser a expressão d'alma,
dentro d'alma é que nasceu.

III

Por servir de lenitivo
da magua e da paixão,
é que sae do coração
que soffre sem curativo.
Por se tornar expressivo,
do fundo d'alma descende
e com a mesma defende,
do peito para o seu giro,
é, pois, d'ahi que o suspiro
desce, vigora e ascende.

IV

N'um suspiro se conhece
o poder da anciedade
porque traduz a verdade,
que dentro d'alma se tece.
No peito se robustece,
por lhe servir de apogeu,
d'ali os labios correu
mais veloz do que a gasella,
qual vôo da filomela,
dos labios se desprende.



Fado "Electrico"

(Da revista **Dominó**)

I

II

Todo o faia que é marau
 Aprende o sistema metrico
 E a seguir o fado electrico
 Trrim, tim... tim... tim...
 Que é já no segundo grau.
 Com a bobine de pau,
 Tendo o olhar electrizado,
 E o fio d'arame afinado
 Trrim, tim, tim, tim...
 Em se ligando a corrente
 Tóca, automaticamente,
 Trrim, tim, tim, tim...
 As *invariações* do fado.

Vae um fadista contente,
 N'um carro Rato-Alecrim,
 A atrair... assim... assim...
 Trrim, tim, tim, tim...
 A dama que vae na frente...
 N'este momento é que a gente
 Lhe póde applicar o fado,
 Mas é bom tomar cuidado,
 Trrim, tim, tim, tim...
 Quando se fôr a apear,
 Porque então o fadistar
 Trrim, tim, tim, tim...
 Torna-se mais complicado.

Olá ! trrim ! trrim ! na campainha !	Olá ! trrim ! trrim ! na campainha,
Olá trrim ! trrim ! do meu amôr !	Olá ! trrim ! trrim ! repenicada
Que o faia não perde a linha,	Que o doutor perdeu a linha
Tira faiscas da pinha.	E foi bater com a pinha
E aperta o commutador...	Nas pedrinhas da calçada...



Fado da Gatunice

(D'uma revista em preparação)

Perguntae porque sou *ladra*
a quem a vida me deu.
Cada qual tem o seu fado
e eu cá vou cumprindo o meu.

Vim ao mundo em noite escura
na Travessa dos *Ladrões*.
Logo em môça a desventura
me *roubou* as illusões.

Do seu lar um certo dia
meu pae roubou minha mãe ;
e após o *roubar-lhe* um beijo,
roubou-lhe a honra tambem.

Roubei um dia o amante
a uma amiga, por prazer ;
mas ell' fugiu-me e *roubou-me*
a alegria de viver...

Não me *furto* á negra sorte,
que a *roubar* me sinto bem.
Vou *roubando* até que a morte
me *roube* a vida tambem.

BENTO FARIA.

Feridas do coração

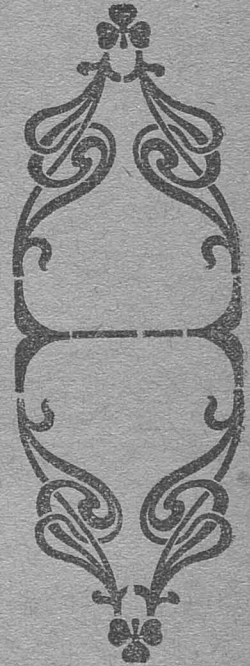
MOTTE

O meu coração ferido,
'stá com setta envenenada.

GLOSA

O mal que trago escondido,
remedio já não consente ;
não, porque está mortalmente
o meu coração ferido.
O ferro que introduzido
n'alma a tem já traspassada,
é de uma materia hervada,
por mão, que a tudo sujeita :
Morro, que a ferida feita
'stá com setta envenenada.

João Xavier de Mattos.

**Portugal**

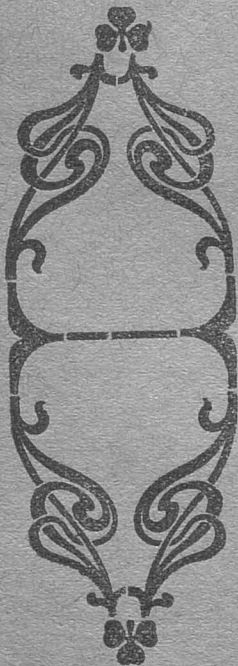
MOTTE

Portugal é uma canção
toda feita em redondilhas.

GLOSA

Eu amo, do coração,
minha heroica e linda terra,
que, de tanto amôr que encerra,
Portugal é uma canção.
Do burguez ao aldeão
todos fazem maravilhas,
com as suas musas filhas :
cada qual em sua lyra
uma ode á vida inspira,
toda feita em redondilhas.

Bento Faria.



Inveja

MOTTE

Andam as aves aos pares
a namorar-se em descantes.

Marcellino Mesquita.

GLOSA

Longe da terra e dos mares,
atravéz do Firmamento,
livres como o Pensamento,
andam as aves aos pares.
Ao ve-las sulcando os ares,
do mundo assim tão distantes,
eu invejo esses amantes
que, á mercê do vento sul,
vôam, vôam pelo Azul,
a namorar-se em descantes.

Bento Faria.

Resposta

(*ao padre José Agostinho
de Macedo*)

Ao Parnaso quer subir
novo rival de Camões
e das loucas pretensões
as musas se põem a rir.
Apollo, sem se affligir,
diz d'esta arte ao casmurro :
—Podes entrar, não te empurro,
não me vens causar abalo,
já cá sustento um cavallo,
sustentarei mais um burro.

Pato Moniz.

Cantares

Que de lagrimas derrama
meu coração a soffrer.
Eu amo quem me não ama,
só amo quem me não quer.

*
A agua corre entre lamentos,
corre, corre, para o mar.
Tambem os meus pensamentos
correm mundo sem parar.

*
Que importa o que diz o mundo,
se o mundo sempre mordeu.
Cá p'ra mim o mundo és tu,
p'ra ti o mundo sou eu.

*
Já vieram, já se foram
as formosas andorinhas :
trouxeram saudades tuas,
levaram saudades minhas.

*
Todo estrellas, todo rosas,
que bonito é o teu véo !
Rosas, estrellas da terra ;
estrellas, rosas do céu.

Victor Hugo.

*
Meu coração vive triste,
Como é triste a noite escura...
Dês que do mundo partiste,
Não tem fim minha amargura !

*
N'este viver peço a morte !
—Mas perdoae-me, Senhor !—
Sou um infeliz da sorte...
Só vivo da magua e dor...

M. Sillos.

Para meditar...

MOTTE

Se o povo comprehendesse
a Solidariedade,
não existiam no mundo
Precisão e Caridade

GLOSAS

I

Quando a fome invade os lares
de milhões de productores,
organizam os senhores
tombolas, festas, bazares!
De protectores se dão ares
na tourada, na *Kermesse*...
Mas, talvez não succedesse
esse ludibrio doirado
se o povo fosse educado
se o povo comprehendesse!

II

Não é mais que hypocrisia
essa caridade falsa,
que toda a imprensa exalça
com linda phraseologia!
A mira da Burguezia
não é a fraternidade...
E' esmagar a vontade
quem a riqueza lhe deu,
e que 'inda não percebeu
a Solidariedade!

III

A esse povo explorado
já no auge do soffrer,
dão-lhe um osso p'ra roer
préviamente réclamado!...
Depois de o terem pisado
fingem desgosto profundo...
—Mas, tu, povo moribundo,
se tivesses pundonor
Miseria, Desgraça e Dôr
não existiam no mundo.

IV

Se, povo, soubesses vêr
que tu apenas trabalhas...
não accitavas migalhas
de quem vaes enriquecer!
E's o mais forte Poder
és a maior Magestade...
Mas tua imbecilidade
presta-se a torpes bichancros...
E apodreces entre os cancos:
Precisão e Caridade!

Morro !

Morro de uma saudade

Morrendo estou de saudades.

GLOSA

GLOSA

Tenho passado mil dias,
sem vêr mais do que espantalhos :
tenho tido mil trabalhos
por amor de minhas tias :
já passei manhãs mui frias,
já comi da Caridade,
já dei, por casualidade,
uma queda no Soccorro ;
mas de nada d'isto morro,
morro de uma saudade.

Na triste ausencia, em que estou,
nenhum remedio me val',
nem tem alivio este mal,
senão em quem o causou :
se por divertir-me vou
fugindo das sociedades,
n'essas mesmas soledades,
onde Amor faz mil mudanças,
firme nas minhas lembranças,
morrendo estou de saudades.

João Xavier de Mattos.**Cantares**

As meninas dos meus olhos
São duas pobres mendigas
Sempre a pedirem esmola
Aos olhos das raparigas.

E lá vão como as velhinhas
Por essas ruas além,
Dê esmola ás pobresinhas
Por alma de quem lá tem.

Minha mãe é pobresinha
Não tem nada que me dar ;
Dá-me beijos, coitadinha
E depois põe-se a chorar.

Fado do Ganga

Da celeberrima revista **O novo mundo**

(IMITAÇÃO)

I

Esta vida são dois dias ;
 arrelias
 só tem cá o carroceiro,
 a guiar *alimarias*
 em subidas muito esguias,
 p'ra ganhar o seu dinheiro !

A aturar os freguezes,
 cada qual com seu feitio
 (declama). Ahi ! chó !...
 passam semanas e mezes
 entre multas e revezes
 co'a policia em desafio !

Por fim, quem paga as favas
 é a besta entre os dois varaes...
 se p'las ruas não *cavas*
traulitada é zás ! por demais !

O carroceiro
 é o primeiro
gajo cá d'este *trólaró* !
 De tudo gosta,
 é um fadista,
 mais estadista
 que o Affonso Costa
 chó !...

II

Procura *gaja* com *montra*
 se a encontra
 e ella é *cara direita*,
 tem *massa* para o pagode,
 lhe corre a vida *estifeita*,
 só não folga quem não pode !
 E se a *pasma* entra na dança
 e quer um *home* apanhar,
 (declama) *Ahi ! chó !...*
 já se sabe que ha *lambança*,
 mette-se-lhe um *bute* á *pança*,
 para as tripas *gomitar* !
 Isto é por *reinação* ;
 serio não tomem o qu'eu digo...
 sou rapaz de razão
 o que se chama um bom amigo.

O carroceiro
etc.

III

Anda a *gaja* arrelhiada,
 escamada,
 c'a historia dos *subistencias*
 Não tem assucre nem pão,
 o bacalhau tem excellencias,
 por causa do *allimãc*.
 Por isso eu ando mortinho
 lá para Francia marchar
 (declama) *chó ! Tás c'uma pressa !*
 fazer o gosto ao dedinho,
 dar no *allimão* povinho
inté ! o extreminar.
 Para acabar co'a guerra
 basta lá ir os portuguezes...
 os valentões da Terra
 somos nós, mail'os inglezes.

O carroceiro
etc.

IV

Se me encontro na carroça,
 não faz móça,
 o que posso ouvir dizer.
 A boleia é o meu throno,
 venha lá o que vier,
 mando muito mais c'o dono.
 S'o macho atropella alguém
 e o manda p'r'ó *cemintende*,
 (declama) *chó !... E' o vaes !*
 cá um *home* fica bem ;
 culpa não teve, porém,
 sempre a policia nos prende.
 Acho o serviço torto,
 e vou explicar-lhes a razão ;
 era bem preso o morto
 pois da carroça foi travão.

O carroceiro
etc.

Tósca.

Cosinheiras

(Coplas d'uma revista)

I

Não faltarão embaraços
Se ha união entre as servas,
A gente cruza-lhe os braços
E quem quizer como-m'ervas.

Cá por mim não como açorda,
Só caldinhos... não vou n'isso,
Quero coisa que me morda
Panella bem gorda
Que leve chouriço.

Ai boa vae ella !
Com tanto banzé
Nem cose a panella
Olarilolé !

II

Quando não são os fogões
Que nos causam tanto horror,
A's vezes com os patrões
Sente a gente mais calor.

Homem solteiro é sabido
Agarra-se ao carapau,
Sendo mulher e marido
Vae arroz fingido,
E elle é bem mau !

Ai boa vae ella !
etc.

III

Com tanto calor ás vezes
Arma a gente em chocadeira
E passados nove mezes
Tem pintos a cosinheira.

Já basta de tanto enredo,
Deixem-se lá de questões,
Menina, não tenha medo,
Que eu dou-lhe um segredo
Que é contra os fogões.

Ai boa vae ella !
etc.

IV

Fóra os garfos e colheres
A panella e mais o tacho,
Já é sina das mulheres
Andarem sempre por baixo.

Quanto a mim eu não percebo
Vantagem n'essa embrulhada
Sabem que mais ! Ora cebo
Não como nem bebo
Nem faço mais nada.

Ai boa vae ella !
etc.



Fado

Cantado pela fallecida actriz
Maria Victoria

Quem ama sem ter amores,
quem chora sem ter carinho,
pobre canteiro sem flores,
ave triste, sem ter ninho.

*

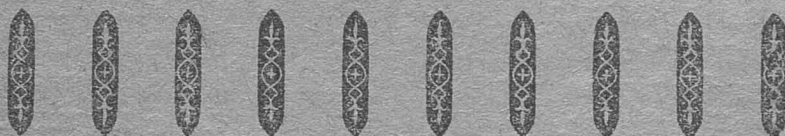
Trovador que triste cantas
quem te ensinou a cantar
as lagrimas puras, santas,
de minha mãe, a chorar?

*

Se eu morrer, leva-te o vento
a noticia ; mas não chores.
Pois troquei o sofrimento
por prazeres muito melhores !

*

Não ha regalo na vida
como ao pé d'agua morar ;
quem tem sêde vae beber,
quem tem calma vae nadar.



1914

Soffro muito

MOTTE

A pensão da Humanidade
é gemer, sentir, chorar.
Em ludibrio d'estes males
vivo sempre a suspirar.

GLOSAS

I

Tenho á vida horror tão forte
que me custa a supportal-a,
porque a paixão que me rala
é mais terrivel que a Morte.
Fez-me reu a iniqua Sorte
da mais impia falsidade
trahi, céos ! sem ter piedade
dois Numes, Analia, Amor,
e onorei com este horror
a pensão da Humanidade.

II

Tão combalido me vejo,
da minha horrenda traição,
que até de implorar perdão
a quem trahi, tenho pejo.
O' quanto, quanto desejo
de novo em seu peito entrar
mas longe de lhe enviar
viva prece, ardente rogo,
o meu triste desafogo
é gemer, sentir, chorar.

III

Supplanta, Analia, a razão
que te azeda o genio brando
perdôa a offensa, escutando
o teu docil coração.
Aras ergue á compaixão,
em fereza não me eguaes,
que do meu crime não fales
se de mim tens dó, te peço,
basta o damno que padeço
em ludibrio d'estes males.

IV

Se homicida ser quizeres
para expiar meu delicto,
traspassa-me o peito afflicto,
causa-lhe o horror que puderes.
Mas olha quando o fizeres,
que deves n'elle encontrar,
a imagem tua no altar
que Amor erguido lhe tem,
a imagem tua, por quem
vivo sempre a suspirar.

INDICE

Abaixo a guerra!.....	83
A' guerra.....	64
Alma (a).....	68
Amar.....	45
A' marinha.....	71
Ambição.....	53
Amor eterno.....	67
Antiquado.....	30
Aos revolucionarios.....	75
Arco de Santo André e «Guines».....	33 34
A' republica.....	50
Artificios.....	60
As cartolinhas.....	17
A's flores.....	9
Belleza.....	92
Bucolica.....	35
Campesina.....	32
Campos.....	8
Canção cearense.....	80
» da «Céguinha».....	25
» do «Amor Santo».....	69
» do «Collete Encarnado».....	46
» do ribatejo.....	85
» do «Vicio».....	29
Cantares.....	36, 49, 57, 65, 103, 105
Cantigas.....	27
Capital (O).....	61
Carabão.....	47-48
Cigarro (O).....	40
Cobre-me... cobre-me.....	41
Conflagração (A).....	87
Conselho.....	84
Contrastes.....	88
Cosinheiras (As).....	108
Desalento.....	52
Despedida.....	22
Devaneio.....	70
Dilemma.....	81
Dôr que ri.....	39
Eu quizera.....	20
Fado (o).....	6, 95, 109
Fado da «Esturdia».....	48
» da «Gatunice».....	101
» da «Situação».....	34
» «Electrico».....	100
» do «31».....	97
» do «Desanimo».....	21
» do «Ganga».....	106, 107
« do «Gelo» e da «Lareira».....	98
» Liró.....	25

Fados dos «Castellos no ar»	5
Feridas do coração	102
Fraqueza	59
Guerra (a)	24
Hecatombe (a)	28
Hontem e hoje	51
Idyllio	44
Improviso	29
Inveja	103
Ladrão (o)	24
Luz e trevas	11
1916	42
Miseria	58
Morte (a)	78
Morro!	105
Mulher (a) formosa	93
Na fonte	91
Não sei se não amar-te	14
Não te deixo	19
Nunca!	38
Ouro, prata, cobre e lata	76
Para meditar	104
Perfume	89
Pescador (o)	54
Portugal	102
Quando nasceste	7
Que (o) é a mulher	26
Queda (a) da aguiá	90
Quem canta	86
Rei (o) dos mares	96
Resposta	103
Saudade	82
Só a Justina é que não!	79
Soffro muito!	110
Suspiros	99
Terra (a)	62
Teu nome	13
Teus (os) olhos	74
Trevas	34
Trilogia	15-16
Trovador	63
Tua (a) mão	73
Uma (a) ingrata	23, 72
Um beijo	56
Um conselho	66
Um encravado	55
União iberica	18
Varina (a) vae ao conde	77
Verdades cruas	10
Vida (a)	12
Viola (a) magoada	43
Viva a Belgica!	94
Viva a Inglaterra!	37

A NOSSA AGENCIA NO PORTO



José Pereira de Passos
Dig.^{mo} agente da Livraria Verol, Suc.

O grande incremento que ultimamente tem tomado a nossa casa, o desenvolvimento das nossas edições, os trabalhos de luxo, os sucessos de livraria que nestes ultimos tempos tem marcado por uma forma categorica a vida prospera da **Livraria Verol, Suc.** obriga nos a lançar mão dos meios de propaganda, actividade e apresentação com dignos d'esse desenvolvimento.

Assim sômos obrigados pelas exigencias de serviço a substituir os nossos empregados viajantes n'algumas cidades de Portugal por **Agencias**, fixas, casas consideradas onde os revendedores e

o publico em geral encontrarão com mais facilidade todas as novidades e edições da nossa casa.

No Porto é nosso actual agente o Ex.^{mo} Sr. José Maria Pereira de Passos, proprietario d'um já reputado estabelecimento na Rua de Santo Ildefonso, 338.

Em dois anos de luta no commercio, este honrado trabalhador, d'uma honestidade e actividade excepcional, conseguiu impor a sua casa, ao respeito e estima de todo o publico da invicta cidade.

Ao escolhermos o Sr. Pereira Passos para agente na 2.^a cidade de Portugal, da nossa livraria, sabiamos de antemão que á ardua tarefa a desempenhar elle opunha toda a sua energia e bôa vontade, toda probidade e honradez. Estão pois satisfeitas as aspirações do publico, que corresponde ao nosso esboço bem servir com o seu maximo acolhimento. D'óte todos os sucessos de livraria se pódem pro-

TABACARIA DO PADRÃO

Rua de Santo Ildefonso,

BIC
784
FA
fac